



Departamento de Arquitetura e Urbanismo

O **C**entro **C**ultural **B**orsoi

MARTA PATRICIA MACHADO OLIVEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Orientadora: Mestre Amélia Panet, Professora Auxiliar,
UFPB (Universidade Federal da Paraíba)

Co-orientador: Doutor Paulo Tormenta Pinto, Professor Auxiliar,
ISCTE-IUL

Setembro, 2013

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora professora Amélia Panet que realmente me orientou em vários aspetos ao longo do desenvolvimento deste trabalho, fornecendo várias fontes importantes e indicando as melhores questões para abordar este tema difícil de intervir em locais preservados pelo património e me alertar para um problema existente na cidade, a degradação de um imóvel tombado com determinada relevância projetado pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, estudando uma das belas casas modernistas, podendo dar contribuição com um trabalho para a cidade de João Pessoa.

Ao Juliano Carvalho por ter doado o relatório de Tombamento da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, importante para compreender as alterações que a casa sofreu.

À disponibilidade dos arquitetos Vera Pires e Roberto Ghione por terem relatado o surgimento do projeto de verticalização para o terreno em estudo, o Empresarial Acácio Gil Borsoi. Ao arquiteto Fábio Galiza por ter cedido os desenhos técnicos do Empresarial Acácio Gil Borsoi bastante pertinentes para a construção da problemática do presente trabalho.

Ao Instituto do Património Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) pela atenção dada ao consultar o processo da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, nomeadamente, ao diretor Aníbal Moura Neto, que ao conservar com o responsável me fez entender as intenções e falhas do projeto de verticalização existente para a casa em questão.

Ao Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) pelo programa de mobilidade internacional fazendo com que os alunos possam adquirir outros conhecimentos sobre

arquitetura em outros países, sendo os meus agradecimentos por me dar a oportunidade de evoluir e crescer profissionalmente no Brasil, país do qual tenho muito estima e João Pessoa a cidade que me abriu essas portas para o mercado de trabalho, e à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) por sempre me integrar e acolher bem, me dando estímulo para os trabalhos. À Diretora do curso da UFPB Wylma Vidal, por ter esclarecido todo o processo de intercâmbio juntos dos assuntos internacionais. Ao professor Aristóteles Cordeiro e à professora Nelci Tinem por terem a brilhante ideia de realizarem um artigo científico baseado no registro da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho através do modelo 3D.

Aos meus pais por terem apoiado o meu caminho longe de casa em S.Miguel (Açores), Lisboa e Brasil.

À família Medeiros, que nunca me deixou ficar só o que considero hoje uma segunda família, sempre presente para que eu estivesse bem. À Regina Fátima, colega de casa que deu sempre uma palavra de força para que chegasse ao fim e aos meus verdadeiros amigos, que mesmo distantes, sempre acreditaram que era capaz.

Tem um livro que começa assim: conhece-se a história de um povo, a cultura de um povo, pelos seus momentos, pelas suas construções. Então se você não tem construção nenhuma você não existiu.

Acácio Gil Borsoi, 2009

RESUMO

Este trabalho consiste na proposta de um anteprojeto de um centro cultural para o terreno da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955), imóvel tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), localizado na Avenida Epiácio Pessoa, projeto do arquiteto Acácio Gil Borsoi, referência da arquitetura moderna brasileira nordestina.

Objetiva explicar a importância do arquiteto Acácio Gil Borsoi para a arquitetura moderna em João Pessoa, contextualizando o modernismo na cidade e construir a problemática em contraponto à proposta existente de verticalização, tendo como intuito a busca de uma solução arquitetônica que se adeque ao terreno, o Centro Cultural Borsoi, tratando-se de uma intervenção, para que seja valorizada a residência existente.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna Brasileira. Intervenção. Centro Cultural.

ABSTRACT

This work is the proposal of a project for a cultural center on the ground of Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955), property preserved by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), located at Avenida Epitácio Pessoa, project architect Acácio Gil Borsoi, reference of Brazilian modern architecture northeast.

Aims to explain the importance of the architect Acácio Gil Borsoi for modern architecture in João Pessoa, contextualizing the modernism in the city and build the problem in contrast to the existing proposal of vertical integration, with the aim to find a architectural solution that suits to the terrain, the Centro Cultural Borsoi, case of an intervention, to be valued existing residence.

Keywords: Brazilian Modern Architecture. Intervention. Cultural Center.

Índice de Figuras

Fig.01: Terreno em estudo, com a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho. Fonte: Arquivo Pessoal Fábio Galiza.

Fig.02: Instituto Inhotim, galerias desenvolvidas para a obra de Hélio Oiticica. Fonte: <<http://www.cultura.gov.br/site/2012/11/16/instituto-inhotim-2/>> Acesso a 06/04/2013.

Fig.03: Galeria Adriana Varejão, obra premiada (direita). Fonte: <<http://www.inhotim.org.br/noticia/view/57/>>

Fig.04: Palácio da Secretaria da Fazenda, 1933. Fonte: PEREIRA, 2008, p. 30.

Fig.05: Instituto da Educação, 1936 projetados por Clodoaldo Gouvêa. Fonte: PEREIRA, 2008, p.31.

Fig.06: Corte AA (Ver Plantas na Fig.09).Fonte:Levantamento de Fúlvio Pereira e Andrey Alysson.

Fig.07: Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955).Fonte: Borsoi, foto doada por Juliano Carvalho.

Fig.08: Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955).Fonte: Mércia Parente, foto de Roberto Moita.

Fig.09: Planta Piso Térreo e Planta Piso Superior. Fonte:Levantamento de Fúlvio Pereira e Andrey Alysson.

Fig.10, 11 e 12: Detalhes da estrutura e materiais da Residência. Fonte: Mércia Parente, fotos de Roberto Moita.

Fig.13: A volumetria da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho a partir das imagens do modelo 3D.Fonte: Modelo de Aristóteles Cordeiro e imagens/ renderização pessoal.

Fig.14: A presença do jardim. Fonte: Mércia Parente, fotos de Roberto Moita.

Fig.15: O acesso principal da casa com destaque de uma marquise. Fonte: Mércia Parente, fotos de Roberto Moita.

Fig.16: Edifício União, 1953, projeto Acácio Gil Borsoi. Detalhes dos fechamentos. Fonte: Alcilia Costa in *Arquitextos, Arquitetura do sol- Soluções climáticas produzidas em Recife nos anos 50.*

Fig.17: Residência Lisanel de Melo Motta, Recife. Fonte: Amaral,2004, p.60.

Fig.18: Residência Miguel Vita, Recife. Levantamento Residência Miguel Vita pessoal.

Fig.19: Fachada leste da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho. Fonte: PEREIRA, 2008, p. 89.

Fig.20: Vista interior da sala da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho. Fonte: Wolf, 1999, doado por Juliano Carvalho.

Fig.21: Fachada principal da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho. Fonte: AMARAL, 2004, p. 19 do Apêndice A.

Fig.22: Interior da sala Residência Cassiano Ribeiro Coutinho. Fonte: Arquivo pessoal autor.

Fig.23, 24 e 25: Esboços da proposta de intervenção elaborados por Acácio Gil Borsoi. Fonte: Arquivo Pessoal Amélia Panet.

Fig.26: Perspetiva da proposta de intervenção. Fonte: Arquivo Pessoal Amélia Panet.

Fig.27: Desenho da Fachada Principal. Fonte Arquivo Pessoal arquiteto Fábio Galisa.

Fig.28: Desenhos Técnicos: Corte Torre A, Planta Piso Térreo e Planta Piso Superior Empresarial Acácio Gil Borsoi. Fonte: Arquivo Pessoal arquiteto Fábio Galisa.

Fig.29: Desenhos Técnicos: Planta Tipo 1 e Tipo 2 Empresarial Acácio Gil Borsoi. Fonte: Arquivo Pessoal arquiteto Fábio Galisa.

Fig.30: Primeiro edifício alto em João Pessoa “18 andares”. Fonte: Acervo Arion Farias. LPPM (Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória da PPGAU da UFPB) in CHAVES, 2006.

Fig.31:Edifício Carice. Fonte: Acervo Arion Farias. LPPM (Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória da PPGAU da UFPB) in CHAVES, 2006.

Fig.32: Edifício do Régis. Fonte: Arquivo pessoal.

Fig.33, 34 e 35: Residência Otacílio Campos (1968). Fonte: Arquivo pessoal do arquiteto disponível em: <<http://arqpb.blogspot.com.br/2007/10/accio-gil-borsoi.html>> acesso em 14/01/13.

Fig.36 e 37: Casa de Vidro (1951), projeto de Lina Bo Bardi. Fonte: ROCHA, 2011,p.70.

Fig.38: Foto atual do Instituto. <<http://www.institutobardi.com.br/>> acesso a 15/03/2013.

Fig.39: Fundação Oscar Americano: fotos da casa. Fonte:

<<http://www.archdaily.com.br/33190/classicos-da-arquitetura-residencia-oscar-americano-oswaldo-bratke/>> acesso a 21/03/2013.

Fig.40: Planta piso superior e térreo. Fonte: <<http://www.archdaily.com.br/33190/classicos-da-arquitetura-residencia-oscar-americano-oswaldo-bratke/>> acesso a 21/03/2013.

Fig.41: Localização, Planta Piso Superior, Planta Subsolo e Corte AA do Anexo Cultural da Casa Oscar Americano. Fonte: Desenho arquitetônico Carlos Bratke Ateliê de Arquitetura disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/carlos-bratke-atelie-arquitetura-espaco-cultural-sao-paulo-18-04-2012.html>> acesso a 23/03/2013.

Fig.42e 43: Imagem da Implantação e do 3D Anexo Cultural da Casa Oscar Americano (2012).Fonte: Revista PROJETODESIGN, Edição 384, Fevereiro de 2012.

Fig.44: Tabela de usos e índices urbanísticos da ZA1. Fonte: Código de Urbanismo de João Pessoa.

Fig.45: Planta esquemática de localização, ventilação predominante, incidência solar, fluxos e diretrizes projetuais - Planta Síntese. Fonte: Arquivo pessoal.

Fig.46, 47 e 48: Vista da Avenida Eptácio Pessoa, imagem a partir do jardim avistando-se o terreno baldio e vista do interior da residência para a caixa de água principal. Fonte: Fotos de levantamento arquivo pessoal.

Fig.49: Planta Análise de Contexto com o piso 0 e piso 1 apontando as alterações do projeto original. A linha vermelha, o fluxo pedestre remetendo o percurso sinuoso. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.50: Vista da ligação entre os blocos para a casa. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.51: Esboço do projeto do Centro Cultural Borsoi. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.52: Eixo visual que atravessa o bloco auditório. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.53: Imagem 3D do alçado sul, vista da Av. Júlia Freire. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.54: Imagens 3D alçado oeste e leste e pátio coberto avistando os cobogós no bloco de serviços. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.55: Perspetiva do 3D projeto C.C.B. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.56: Esboço do jardim projeto C.C.B. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.57: O terraço-jardim do Edifício Gustavo Capanema no Rio de Janeiro projeto de Burle Marx. Fonte: <<http://www.encontreaqui.org/robertoburlemarx/>> acesso a 02/06/2013.

Fig.58 e 59: Esboços Centro Cultural Borsoi. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.60: Planta Piso 0 Centro Cultural Borsoi (Ver em Desenhos Técnicos planta piso 0). Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.61 e 62: Imagens 3D do C.C.B: rampa acesso camarins, coffee break, espaço exposições e balcão informações conjugado com rampa acessível. Fonte: Arquivo Pessoal.

Fig.63: Corte E-E mostrando a laje nervurada, cobertura e estrutura. Fonte: Arquivo Pessoal.

ÍNDICE

Introdução	14
Metodologia	19
<hr/>	
Capítulo I	
O Contexto - Residência Cassiano Ribeiro Coutinho	21
1.1 O arquiteto Acácio Gil Borsoi	21
1.2 A Primeira Residência Lisanel de Melo Motta	23
1.3 O modernismo na Cidade de João Pessoa	24
1.4 As marcas projetuais de Borsoi na cidade	28
1.4.1 Volumetria, Forma e hierarquia	33
<hr/>	
Capítulo II	
A problemática	36
2.1. O Tombamento da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho	36
2.2. O projeto das duas torres: Empresarial Acácio Gil Borsoi	39
2.3. A realidade de João Pessoa nos dias de hoje – A Verticalização	46
2.4. Intervenções em casas modernistas - Casos de estudo	52
<hr/>	
Capítulo III	
A proposta – Projeto de um Centro Cultural	58
3.1. Caracterização do terreno	58
3.1.1. Diretrizes projetuais	60
3.2. O programa	61
3.3. Conceção do projeto	64
<hr/>	
Considerações Finais	70
Referências	72
Anexos	76
Desenhos Técnicos	89

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma proposta para um edifício cultural, qual seja um Centro Cultural no terreno da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955), localizada na Avenida Epiácio Pessoa, concebida pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi. A escolha do tema, por iniciativa e criatividade dos alunos, deu-se no âmbito do projeto final do curso de arquitetura.

A residência, de insigne importância para o património histórico e cultural de João Pessoa, constitui um raro exemplar de qualidade da arquitetura moderna brasileira nordestina, sobretudo pela relevância do arquiteto responsável. Atualmente, encontra-se degradada, sem utilização específica. Surge, assim, a ideia de um projeto de edificação, o Centro Cultural Borsoi, capaz de enquadrar a casa e os jardins criando um espaço de qualidade na avenida Epiácio Pessoa, a principal via da cidade, de forma a ligá-lo também à Avenida Júlia Freire.

Com isso, justifica-se o objeto de estudo pelo seu valor histórico, arquitetónico e cultural. O imóvel é de grande interesse por parte de alguns profissionais e órgãos específicos, já tendo sido inclusive realizados estudos sobre sua preservação e conservação, preservada em 2010 pelo Instituto do Património Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). Entretanto, é cogente a necessidade de revitalização por um programa como o apresentado no presente projeto.

Logo, a proposta deste trabalho é integrar a “casa museu” à edificação de um Centro Cultural e interligá-los à área livre existente, observando-se que no final do Jardim, projetado por Roberto Burle Marx, encontra-se uma barreira que a separa do

espaço baldio, deixando solta a caixa de água (Fig.01), elemento estético relevante daquela construção antiga. Ou seja, a busca de uma solução arquitetônica que estabeleça uma relação com as pré-existências (a casa, o jardim e os dois elementos nas extremidades do lote, as caixas de água).



Fig. 01: Terreno em estudo, com a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho
Fonte: Arquivo Pessoal arquiteto Fábio Galiza.

Após uma primeira visita, foram confrontados alguns dados que levantaram o problema. Sabe-se que a empresa Alliance em conjunto com outros grupos estabeleceu um acordo com o proprietário do imóvel, para a recuperação da casa e irá construir para aquele espaço dois prédios de escritórios – Empresarial Acácio Gil Borsoi. Com os esboços do próprio arquiteto, antes de falecer, foi deixada a intenção de seguir com essa tipologia as duas edificações, conforme informado pelos arquitetos Vera Pires e Roberto Ghione, de Recife, responsáveis por esse novo projeto a serviço da construtora Alliance.

O trabalho levanta as seguintes questões: o programa proposto é adequado para o contexto? Que impacto terão os edifícios sobre a casa? Trata-se de uma obra de cariz moderno, concebida por arquiteto importante na época, exemplo raro no nordeste, implementado em João Pessoa?

A “casa museu” será a Fundação Acácio Gil Borsoi, assim, fica em homenagem ao arquiteto a sua primeira obra tombada com todo o seu acervo, sendo João Pessoa privilegiada pela sua implantação. Esta ideia transformará a casa num local turístico e ponto de interesse de muitos profissionais quer de arquitetura quer de outras áreas.

João Pessoa conta com poucos locais deste género. Como bons exemplos podemos citar a Estação Ciência (2007) de Oscar Niemeyer, o Espaço Cultural José Lins do Rego (1982) de Sérgio Bernardes e a Usina Cultural da Saelpa, a última, área recreativa bastante frequentada, tendo proximidade à Residência Cassiano Ribeiro Coutinho.

Realmente, existe uma população à procura de vivenciar outras experiências em locais com esta qualidade. O projeto visa estimular as pessoas para atividades de lazer deste género, no mínimo por ser um espaço novo na cidade, e ainda à tomada de consciência do património e a criação do gosto por estas iniciativas culturais, que melhoram a perceção da cidade e, por conseguinte, o crescimento delas para eventual formação de outros espaços, gerando uma maior diversidade em João Pessoa como ponto histórico, turístico, cultural e recreativo.

Por outro lado, cobrar incentivo cultural a empresas multinacionais é uma estratégia para justificar a intervenção na Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, conhecida como Lei Rouanet), que inseriu uma política de incentivos fiscais que se aplicaria muito bem neste caso. Já que o órgão do património da cidade (IPHAEP) não tem poder suficiente para preservar os bens tombados, nem há investimento público suficiente para tanto, a ideia poderá surgir com este mecanismo que

possibilita os cidadãos (pessoas físicas) e as empresas (pessoas jurídicas) investirem parte do Imposto de Renda devido em iniciativas culturais¹ por meio de doação ou patrocínio (MinC- Ministério da Cultura Brasileira, 1991).

A falta de informação entre o empresariado e a falta de investimentos de multinacionais a respeito da possibilidade de beneficiar a cultura local em atividades culturais do Estado² é relevante, porque agrega o nome da empresa a uma causa positiva promovendo-a, até como uma forma de publicidade, além de se ter benefícios fiscais sobre o valor doado. No Brasil existem casos de sucesso como o Instituto Inhotim (Fig.02 e 03) que parte da sua manutenção e atividades só funciona através desta iniciativa. Há diversas vantagens na aplicação desta Lei que precisa de divulgação para que mais projetos se desenvolvam³.



Fig. 02 e 03: Instituto Inhotim, galerias desenvolvidas para a obra de Hélio Oiticica (esquerda) e Galeria Adriana Varejão, obra premiada (direita).
Fonte:<http://www.cultura.gov.br/site/2012/11/16/institutoinhotim2/> e <http://www.inhotim.org.br/noticia/view/57/>.

¹ Os incentivos fiscais e o Fundo Nacional de Cultura são mecanismos do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), instituído pela mencionada lei de Incentivo à Cultura. Os participantes podem ser: “*pessoas jurídicas de natureza cultural como autarquias e fundações; Pessoas jurídicas privadas e de natureza cultural, com ou sem fins lucrativos, como cooperativas e organizações não-governamentais. [...] Estes últimos são chamados de incentivadores e têm parte ou o total do valor do apoio deduzido no Imposto de Renda devido*”. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/Regulamentacao-e-incentivo/lei-rouanet>. Acesso a 7/03/2013.

² O Brasil tem casos de sucesso, com o funcionamento desta lei: Instituto Inhotim, a 60km de Belo Horizonte, funciona pela grande parte do apoio do incentivo fiscal da Lei Rouanet, no jardim botânico de 110 hectares ficam várias galerias de arte. O acervo foi formado desde 1980. Fonte: Caroline Borralho (Sefic/MinC), 16 de novembro de 2012 publicado em: <http://www.cultura.gov.br>.

³ “ [...] esses apoiadores fortalecem iniciativas culturais que não se enquadram em programas do Ministério da Cultura (MinC)” disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/Regulamentacao-e-incentivo/lei-rouanet>.

Objetivo geral e Objetivos específicos

Como objetivo geral, pretende-se a concepção de um anteprojeto de um centro cultural localizado na avenida principal da cidade, a Avenida Epiácio Pessoa, que possa ter a função de elemento integrador entre a residência existente, a Residência Ribeiro Coutinho (1955) e o contexto em que ela se insere, no sentido de valorizá-la como patrimônio relevante para a cidade, representante da Arquitetura e Arte Moderna.

Como objetivos específicos, procura-se: 01- demonstrar a importância do arquiteto Acácio Gil Borsoi para a arquitetura moderna em João Pessoa, 02 - contextualizar o modernismo na cidade e, 03 - construir a problemática em contraponto à proposta existente de verticalização para o terreno da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho.

METODOLOGIA

A metodologia adotada no presente trabalho tem como base a fundamentação teórica da arquitetura moderna do arquiteto Acácio Gil Borsoi, fazendo um levantamento dos estudos realizados até então, publicações sobre a edificação, dados pertinentes e a pesquisa de casas com plasticidade idêntica, realizadas na mesma época, visando entender melhor o objeto de estudo, a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955), contextualizando-a no modernismo.

Em entrevista com os arquitetos Vera Pires e Roberto Ghione, pôde ser entendido o processo de recuperação proposto atualmente. O contato com os arquitetos deu-se com vista a recolher o material técnico do projeto de construção futuro, para perceber o conceito utilizado e o seu impacto.

Foram colhidos ainda dados dos órgãos responsáveis tais como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) e a Prefeitura Municipal de João Pessoa (órgão administrativo da cidade).

Em seguida, a sistematização dos dados coletados deu-se de forma a sucintamente dar fundamento e argumentação à contextualização da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho com a realidade arquitetônica pessoense.

Visitas ao terreno, para levantamento fotográfico, observando o espaço para elucidar a abordagem do projeto Centro Cultural, bem como a pesquisa de casos de estudo foram relevantes para entendimento do seu funcionamento.

A elaboração da proposta para o Centro Cultural Borsoi teve um diagnóstico de análise de contexto da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, indicando as

alterações feitas até então através do levantamento fotográfico recolhido no próprio local de estudo. A comparação é feita por meio das imagens antigas de outros autores e acervos.

Além disso, a definição das diretrizes de projeto, o programa das necessidades e, conseqüentemente, o pré-dimensionamento para dar força à concepção do projeto foram feitos através do estudo da legislação e da abordagem concetual que se pretende para o local no encontro da tipologia mais adequada para o terreno.

CAPITULO I

O Contexto - Residência Cassiano Ribeiro Coutinho

1.1. O arquiteto

Acácio Gil Borsoi (1924-2009) vem do Rio de Janeiro em 1951 para Recife convidado a assumir a cadeira de pequenas composições da Escola de Belas Artes de Pernambuco. O curso de arquitetura fica reformulado e junto com o arquiteto português Delfim Fernandes Amorim, disseminam os princípios e as formas da arquitetura moderna em Pernambuco a partir dos anos 1950. Da mesma forma, o italiano Mario Russo e Luiz Nunes, arquiteto urbanista natural do Rio de Janeiro, fazem parte dessa inspiração e ligação ao estilo carioca com influências na obra de Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Affonso Eduardo Reidy (PEREIRA, 2008, p. 37).

Fator marcante para o desenvolvimento e discussão sobre arquitetura foi o V Congresso Brasileiro de Arquitetos (1957) em Recife, com exposições das propostas para o Plano Piloto de Brasília e projetos arquitetônicos de Niemeyer para a nova capital, interagindo com os arquitetos locais.

A atuação de Luiz Nunes vai ser a principiante da linha arquitetônica de Recife, nos anos 30 junto à Diretoria de Arquitetura e Urbanismo, já mencionada em *Brazil Builds*⁴, de Goodwin (1943) pela historiografia nacional. Em seguida, temos a importância de Mário Russo e posteriormente Amorim e Borsoi com repercussões até os dias de hoje.

⁴ A publicação de *Brazil Builds* é um livro de Philip Goodwin (1943) que retrata o catálogo da exposição Brazil Builds, no Museum of Modern Art (Museu de Arte Moderna- MoMA), de Nova Iorque. Onde é esboçada pela primeira vez o termo Escola Carioca, importante exemplar na história da arquitetura moderna brasileira.

Para Bruand (1981), existe uma escola carioca, uma escola paulista e por ventura uma escola pernambucana, da qual anteriormente os arquitetos falados foram os mestres responsáveis. É com este autor que se abre o debate da arquitetura moderna brasileira havendo muitas pesquisas e investigadores interessados em aprofundar os estudos da arquitetura moderna de Recife, pelo regionalismo e particularidades no ato de fazer uma arquitetura local.

Quando se fala da Escola de Recife, a polêmica surge, será mesmo uma “*Escola Pernambucana ou Tradição inventada?*” segundo Guilah Naslavsky:

Em vida, os protagonistas de uma escola podem ter consciência ou não de sua identidade, pois muitas vezes essa identidade é obra do historiador, etiqueta colocada a posteriori (NASLAVSKY, 2005, p.9).

Não há uma continuidade em todos os arquitetos, logo as obras entre si têm diferenças porque cada arquiteto segue ideais distintos, o que os liga é somente a época, o que não se pode falar de escola (Naslavsky,2005) mas sim observar as semelhanças e as ruturas.

Veja-se a produção de Borsoi “um dos portadores da mensagem moderna ao Nordeste” (SEGAWA, 2002), contribuição significativa na historiografia da arquitetura moderna brasileira aparecendo em várias publicações⁵ sobre a época do modernismo no país e atribuição do reconhecimento de sua vida profissional:

⁵ Referências que abordam a arquitetura moderna no Brasil e sua história que devemos considerar: Bruand (1981), Ficher (1982), Marques (1983), Segawa (1998), Naslavsky (1998), Cavalcanti (2001), Sampaio (2002), Amorim (2003).

As cabeças feitas por Borsoi e a sua obra construída, tanto em Pernambuco como em outros estados do Nordeste, são uma contribuição cuja dimensão é dificilmente mensurável (SILVA, 1988, p. 25).

Acácio Gil de Borsoi desenvolve, a partir dos anos 1960, uma obra original que inspira gerações de arquitetos no Nordeste, especialmente em Recife. O primeiro projeto que realiza na capital é a Residência Lisanel de Melo Motta, 1953.

1.2. A Primeira Residência: Lisanel de Melo Motta

Em Recife surge a primeira residência do arquiteto, Residência Lisanel de Melo Motta (1953), considerada o pulsar da arquitetura habitacional unifamiliar, analisada segundo um código racionalista por Izabel Amaral⁶, que consiste de uma leitura universal obedecendo a uma geometria repleta de regras e estrutura preestabelecida grande influência de Le Corbusier como exemplo da Villa Savoye. Veja-se, uma arquitetura nacional com vestígios dos cinco pontos corbusianos: planta e alçado livres, janelas horizontais, sobre pilotis e o terraço-jardim. Materialmente, o uso do betão armado na construção devido a fatores económicos (SEGAWA, 1997).

Acácio Gil Borsoi incorpora a linguagem moderna de Le Corbusier no contexto nordestino brasileiro. As características apresentadas nas suas obras remetem ao espaço contínuo, a estrutura independente, as janelas alongadas, a cobertura em formato de asa de borboleta de uma só água, a laje de betão e planta e alçado livres (Fig.17). Porém, não podem faltar elementos compositivos como cobogó e brise-soleil

⁶ Em *Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi*, Dissertação de Mestrado de Izabel Fraga Amaral e Silva (2004) separa um leque de obras de cariz residencial, segundo parâmetros de análise estabelecidos de acordo com os conceitos e a produção arquitetónica contemporânea ao período estudado, em três categorias: Racionalista, Regionalista e Estruturalista.

pois a proteção solar devido ao clima tropical é importante. Exemplo disso é também a Casa Miguel Vita (Recife, 1959/59), de seu parceiro Delfim Amorim, adicionando apenas a conjugação de características da cultura local e aspectos tradicionais tais como a utilização dos azulejos, o uso da madeira, o telhado aparente, as paredes estruturais e a telha canal (Fig.18) (PEREIRA, 2008, p.50).

A relação exterior e interior é notória através da libertação do piso térreo e o desenho paisagístico que incorpora a casa num percurso até à entrada. Está presente também um conceito estético de leveza deixando os habitantes visualizarem a envolvente através de planos de esquadrias consideráveis, cheios e vazios, a volumetria é trabalhada para criar saliências e jogos de aberturas e fechamentos na sua composição.

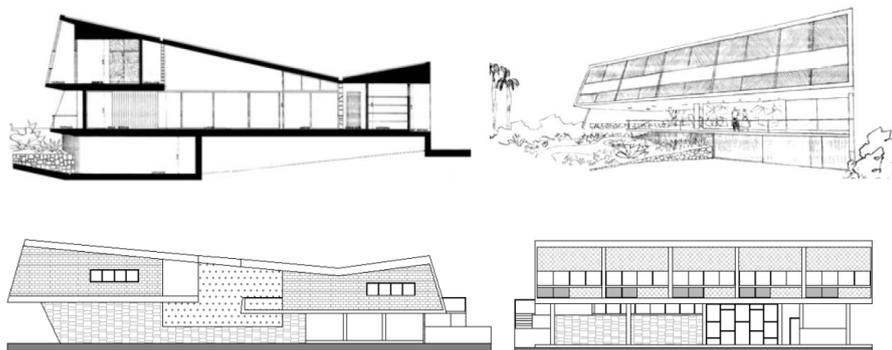


Fig. 17 e 18: Residência Lisanel de Melo Motta, Recife (em cima) e Residência Miguel Vita, Recife (em baixo)
Fonte: Amaral,2004, p.60. Levantamento Residência Miguel Vita pessoal.

1.3. O modernismo na cidade de João Pessoa

A cidade por volta de 1920 sente um avanço em relação à modernidade em meio à mudança de quadro político, tomando lugar Epitácio Pessoa a presidente da

República. Anteriormente, registram-se apenas a criação de rede de esgotos e abastecimento de águas, como também, alguns arranjos nas ruas (PEREIRA, 2008, p.25).

Com a chegada de alguns profissionais à cidade, Pascoal Fiorilo e Hermenegildo Di Lascio italianos associados com Avelino Cunha da Paraíba, no governo de Camilo de Holanda (1916-1920), levam a cabo reformas urbanísticas consideráveis e a construção de casas com condições de habitabilidade razoáveis, embora despojadas de conceitos estéticos e plásticos (PEREIRA, 2008, p.26). Assim, obras de cariz oficial são as relevantes para o desenvolvimento de um estilo moderno em João Pessoa⁷.

Houve a criação de edifícios públicos como a Escola Normal (Otávio Freire, 1926), o traçado de praças caso da Praça da Independência (1922) e a abertura da avenida Epitácio Pessoa que liga a zona central da cidade, a lagoa, até à zona costeira (1933). Mais tarde, assiste-se à valorização do Jardim de Miramar e das áreas de Cabo Branco e Tambaú devido à proximidade do mar essenciais ao Verão e lazer nos fins-de-semana, conseqüentemente, a deslocação da população teria de ser feita e aparece assim o transporte público (PEREIRA, 2008, p.69 a 71).

O comércio e a economia gerada na cidade se deslocam para o centro, conseqüentemente o crescimento de casarios e a criação de bairros como o Tambiá, vão desenvolver o território sobretudo os edifícios públicos e de serviços. Só mais tarde,

⁷ Dizia o paraibano Celso Mariz (1978, p.87): “um prédio novo, com disposições, fachada, pavimentação, material diferente, é um estímulo, uma lição viva numa cidade. Quando é um sinal de progresso económico, segue-se-lhe a imitação dos que estão ao nível desse progresso.”

em meados da década de 50, as famílias abastadas se afastam para o litoral⁸ através da ligação estabelecida com o centro (Av. Epitácio Pessoa) fixando suas residências ao longo desta, projetando Acácio Gil Borsoi nos anos 50: Cassiano Ribeiro Coutinho (1955), Joaquim Augusto da Silva (1957) e Renato Ribeiro Coutinho (1958).

É este o cenário que impulsiona a Paraíba ao processo de modernização após o governo de Getúlio Vargas (1930-45) do qual surge o primeiro edifício modernista, o Palácio da Secretaria da Fazenda (1933, Clodoaldo Gouvêa- Fig.05) e mais tarde grande destaque para o Instituto da Educação (1936, Clodoaldo Gouvêa- Fig.04)⁹, distinto por sua concepção técnico-construtiva (PEREIRA,2008, p. 28 a 31).

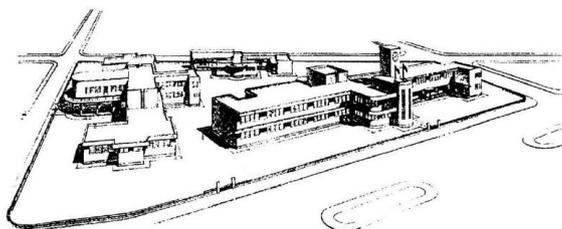


Fig. 04 e 05: Palácio da Secretaria da Fazenda,1933 (direita) e Instituto da Educação,1936 (esquerda) projetados por Clodoaldo Gouvêa. Fonte: PEREIRA, 2008, p. 30 e 31.

⁸ “Pedra angular da ampla modernização educacional da Paraíba” (TRAJANO FILHO,2003,p 5-6 *apud* PEREIRA, 2008, p.31). Foram realizadas pesquisas para sua construção com a Diretoria de Ensino de São Paulo.

⁹ “João Pessoa tornou-se, com a pavimentação da Avenida Epitácio Pessoa, cidade marítima”. Dito pelo governador José Américo de Almeida (1989,p.165) em PEREIRA, Fúlvio. **Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

Pode-se observar que os arquitetos até então falados não seguem necessariamente a corrente linear do que seria o pleno modernismo, às vezes, com detalhes e aspetos de uma Art Déco (PEREIRA, 2008, p.34) referentes ao que acontecia na Europa na mesma época, esforçando-se, outrossim, na busca de uma nova arquitetura para João Pessoa que traduzisse o progresso.

Antes de falarmos de Borsoi, resta por último dar ênfase à vinda de Carlos Guimarães, diplomado no Rio de Janeiro, que realiza a pavimentação da Avenida Epitácio Pessoa, permanecendo na cidade até 1955 (PEREIRA, 2008, p.37). Mais tarde, participa também do projeto da Reitoria da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e conjuntos residenciais Jardim das Acácias (1967) e Verde Mar (1967).

Foi entre 1956-1974 que João Pessoa vivenciou uma forte produção de arquitetura moderna por parte de poucos atuantes profissionais, tais como Acácio Gil Borsoi, Carneiro da Cunha, Stuckert Filho, Liberal de Castro e Mário Di Lásccio. Grande parte destes vindos da “Escola Pernambucana” (TINEM, 2005, p.11), que considera a importância da arquitetura vernacular, procurando compreender melhor características inerentes à arquitetura local bem como a arquitetura dos trópicos, que teve todas as dicas citadas por Armando de Holanda (1976) no *Roteiro para construir no nordeste*¹⁰. Nota-se que este grupo de arquitetos consolida a arquitetura moderna na cidade ou pelo menos considera-se os responsáveis por difundi-la, desenvolvendo

¹⁰ “A regra vem sendo a adoção de materiais e de sistemas construtivos – quando não de soluções arquitetônicas completas – desenvolvidos para outras situações; mais que isso, a incorporação do pensamento arquitetônico estrangeiro, sobretudo europeu e francês, sem a indispensável filtragem à vista do ambiente tropical.” In HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no nordeste**: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. Programa Nacional de Capacitação de Recursos Humanos para o Desenvolvimento Urbano. Publicação nº7 do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1976.

a execução de diversos projetos para sedes de clubes, agências bancárias, residências, entre outros (SCOCUGLIA, 2005, p.1)

Os arquitetos possuíam grande inspiração em várias publicações que divulgavam o que acontecia por todo o país desde decoração, engenharia e arquitetura. Como afirmava Segawa, “nunca o arquiteto brasileiro teve tantas publicações nacionais à disposição como na década dos anos 50 e início dos 60” (1982, p. 46), não só lidas pelos profissionais da área mas também alcançando a sociedade e os órgãos administrativos, caso das instituições municipais (prefeituras), pois na época a revista *Arquitetura* (1961-68) era gratuita. Cria-se assim, uma discussão e um pensamento sobre o que se estava a praticar de arquitetura pelo Brasil pois nas revistas fala-se dos métodos construtivos, da tecnologia, dos ideais estéticos, das últimas construções, das inovações, da publicidade dos materiais de construção, entre outros.

Veja-se ainda a vinda dos arquitetos de diferentes regiões pelo território nacional fazendo sua carreira pelos estados em seu redor, como é o caso do arquiteto Acácio Gil Borsoi. Em João Pessoa, projeta a Agência Central do Banco do Estado da Paraíba que será a primeira referência na cidade e por conseguinte em Recife, a Residência Lisanel de Melo Mota. Nos anos 50, é a fase de intervenção mais forte do arquiteto, posteriormente realiza concursos como a Biblioteca Central da UFPB (1968) e a atual reitoria (PEREIRA, 2008, p. 37 a 38).

1.4. As marcas projetuais de Borsoi na cidade

É deixada para a história da cidade de João Pessoa um conjunto de obras de carácter habitacional do arquiteto Acácio Gil Borsoi, grandes exemplares da

arquitetura moderna nordestina encontradas ao longo da Avenida Eptácio Pessoa são elas: a Residência Pompeu Maroja Pedrosa (1954), a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955) a primeira edificação moderna paraibana tombada no século XXI pelo órgão protetor do património da cidade, a Residência Augusto da Silva (1957) inspirada no trabalho de Niemeyer e a Residência Renato Ribeiro Coutinho (1958) que retoma a arquitetura tradicional no uso do telhado de quatro águas e telhas coloniais aproximando-se Borsoi de Lúcio Costa (PEREIRA, 2008, p.93). Além destas casas, a execução de projetos maiores como o clube Cabo Branco (1959 e 60) e o late Clube da Paraíba.

A primeira residência a surgir (Pompeu Maroja Pedrosa, 1954) bem como a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955, início de construção 1956 e concluída em 1958) vão seguir os mesmos conceitos (PEREIRA, 2008, p. 87), só o programa é mais complexo: um terreno mais alargado, implantação em área expansiva da cidade, contratado por uma família com estatuto financeiro favorável (Fig.02).

Pelas vanguardas, pede-se um espaço de continuidade (PEREIRA, 2008, p.89) capaz de visualizar os diversos níveis através de pisos intermediários e o pormenor da cobertura inclinada que acompanha o interior (Fig.06).

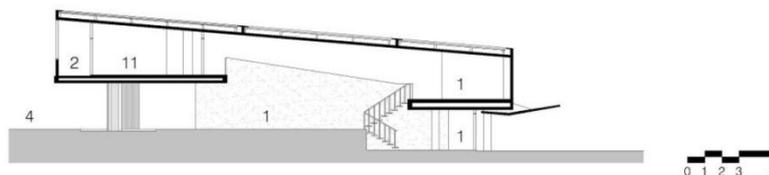


Fig. 06: Corte AA (Ver Plantas na Fig.04)
Fonte: Levantamento de Fúlvio Pereira e Andrey Alysso.

Por sua vez, a abertura de pátios e a ligação do edifício ao exterior levam à transparência, o que era muito frequente nas obras do arquiteto. Será exemplo disso, a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho integrada com os jardins de Burle Marx¹¹ (Fig.07 e 08), sobre pilotis os dois pisos superiores que deixam passar o espaço externo da piscina, vegetação, lago e área de lazer.



Fig. 07 e 08: Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955).
Fonte: Borsoi, foto doada por Juliano Carvalho. Mércia Parente, foto de Roberto Moita.

¹¹ Roberto Burle Marx, arquiteto-paisagista de São Paulo, no decorrer de uma visita a João Pessoa tem participação especial na cidade, é contratado para re-urbanização do Parque Solon de Lucena (1940) conhecido como a lagoa, no centro da cidade e contribui no desenho do projeto de paisagismo da Praça da Independência (1952).

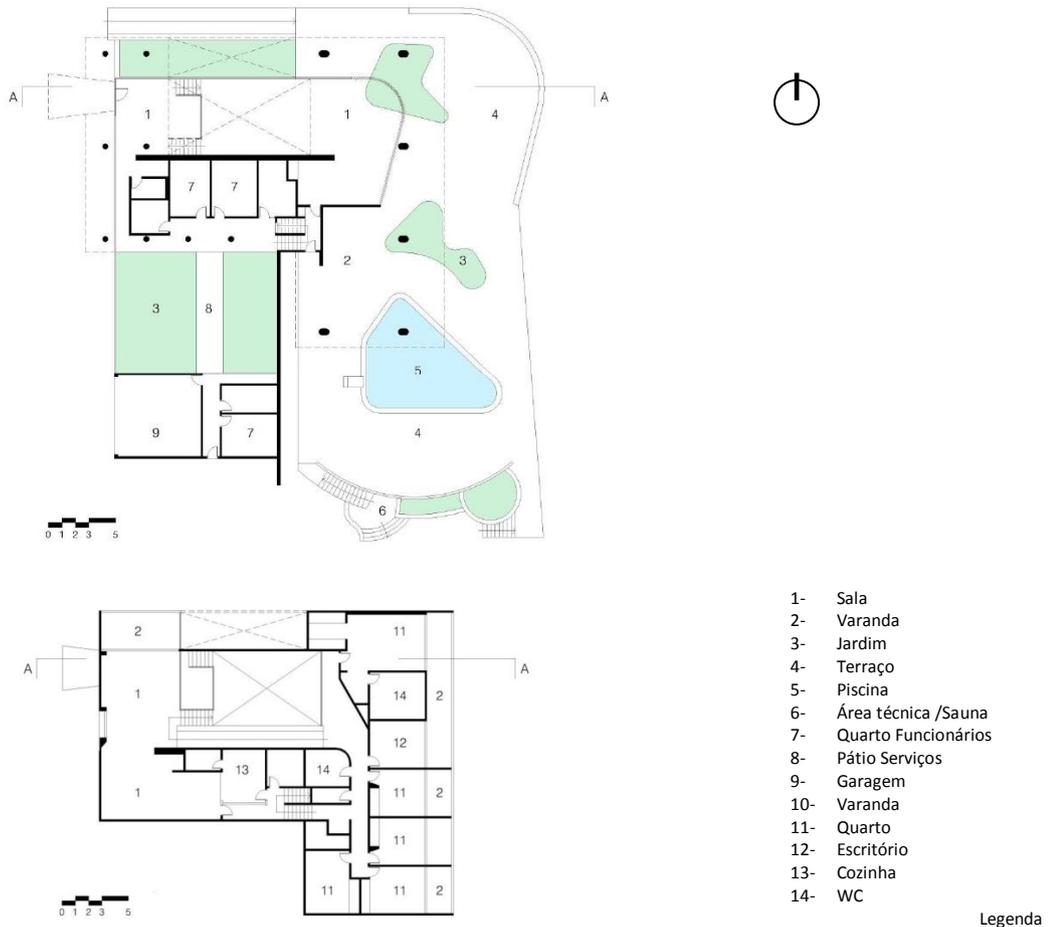


Fig. 09: Planta Piso Térreo e Planta Piso Superior.
 Fonte: Levantamento de Fúlvio Pereira e Andrey Alysso.

O projeto paisagístico faz lembrar um certo organicismo para quebrar as linhas ortogonais da casa e dar um aspeto natural, ao mesmo tempo que tenta integrar alguns elementos construtivos como o ambiente da piscina em baixo do terraço, muros vazados e parede curva na extremidade da sala (Fig.09), particularmente,

explora alguns de forma isolada com artesanato caso de tijolos maciços de cerâmica (PEREIRA, 2008, p.91).

A parte construtiva deixa-se ver com a estrutura de betão e paredes de tijolo externas (Fig.10).



Fig. 10, 11 e 12: Detalhes da estrutura e materiais da Residência.
Fonte: Mércia Parente, fotos de Roberto Moita.

Todavia, o carácter plástico e a função associados são permitidos por estrutura de betão armado rasgando vãos grandes formando recuos em relação ao piso superior (PEREIRA, 2008, p.91a 92) consoante o compartimento devido a condições climáticas (chuva e sol) o que trabalha os acabamentos com a utilização de muxarabis de madeira (elemento vazado proveniente do oriente), cerâmica esmaltada azul (Fig.12) e esquadrias de vidro (Fig.11).

A arquitetura de Borsoi por BRUAND (1981, p.146-7):

[...] se destaca por um cuidado particular na escolha dos materiais: atribui-se um papel importante do tijolo aparente e à madeira, enquanto complementos das estruturas de concreto armado e dos panos de vidro (BRUAND 1981, apud NASLAVSKY, 2005, p.15).

A concepção dos blocos hierarquizados e diferenciados entre si é que buscam o equilíbrio entre a estética e a funcionalidade influência das obras de Affonso Reidy (PEREIRA, 2008, p.92).

Em suma, as casas modernistas de Borsoi possuem características encontradas nas diretrizes projetuais do *Roteiro para construir no nordeste* de Armando de Holanda (1976): o sombreamento é indispensável para o conforto ambiental. Encontramos recursos como o recuo das paredes, a permeabilidade dos muros (o uso de elementos vazados de parede, brises e tramas que auxiliem na ventilação natural cruzada), o tratamento de esquadrias (o uso de projeções com proteção solar, tais como brises, muxarabis, marquises) a continuidade dos espaços (paredes com meia altura e permeáveis possibilitando maior ventilação natural), o uso adequado dos materiais com tratamentos refrescantes e permeáveis e o convívio com a natureza (o paisagismo como sombreamento utilizando árvores com copa frondosa e resistentes).

1.4.1. Volumetria, Forma e Hierarquia

A separação volumétrica nos projetos de Borsoi se dava por setores funcionais (AMARAL, 2004, p.74) correspondentes aos espaços social, íntimo e de serviços. Esta separação se dá de maneira clara, sobretudo nos projetos das residências unifamiliares, que são o resultado de diferentes volumes agrupados, cada um correspondendo a uma função.

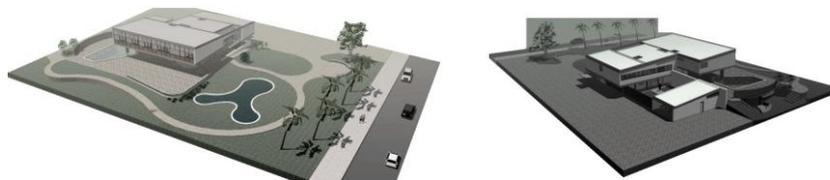


Fig.13: A volumetria da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho a partir das imagens do modelo 3D.
Fonte: Modelo de Aristóteles Cordeiro e imagens/ renderização pessoal.

A continuidade espacial do piso de entrada para o piso superior é elemento marcante da expressão do arquiteto Borsoi, tal qual se vê na Residência Lisanel de Melo Motta, Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, e em sua própria casa (AMARAL, 2004, p.72).

A sala de estar aparece sempre destacada é o foco espacial e centro do projeto (AMARAL, 2004, p.72) com um grande vão central com pé-direito duplo, laje inclinada e escada conjugada com rampa, considerado então o espaço geral da Residência.

O acesso principal ou o percurso até chegar na casa não é só uma ligação do espaço externo ao espaço interno, o arquiteto pensa num passeio sinuoso (Fig.13 e 14) em que o visitante contemple o paisagismo e a edificação e não seja uma linha direta, rápida sem envolvimento (AMARAL, 2004, p.73). Em nenhum dos projetos a entrada fica direcionada para a rua, localizando-se na lateral da edificação voltada para a lateral do lote, o que configura um caminho de acesso resguardo com privacidade aos moradores (Fig.15) (AMARAL, 2004, p.73).



Fig.14 e 15: A presença do jardim e o acesso principal da casa com destaque de uma marquise.
Fonte: Mércia Parente, fotos de Roberto Moita.

Já nos edifícios de cariz habitacional surge um bloco único sobre pilotis, retrato da forma modernista, enquanto os edifícios de uso misto, aparecem com dois volumes: um bloco na horizontal referente ao comércio e outro na vertical com os apartamentos (AMARAL, 2004, p.74). O edifício União (1953- Fig.16) e o projeto não construído para o Banco Hipotecário Lar Brasileiro são casos de construções em apenas um volume com poucos avanços e recuos tornando-o compacto (AMARAL, 2004, p.70).



Fig. 16: Edifício União, 1953, projeto Acácio Gil Borsoi. Detalhes dos acabamentos.
Fonte: Alcilia Costa in *Arquitextos, Arquitetura do sol- Soluções climáticas produzidas em Recife nos anos 50.*

A forma deixa perceber o interior através da sua volumetria de hierarquia, em baixo o comum, o recetivo até chegarmos ao abrigo, mais elevado, remetendo o íntimo de quem habita aquele espaço.

CAPITULO II

A problemática

2.1 O Tombamento da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho

A Residência Cassiano Ribeiro Coutinho foi cadastrada e tombada apenas em 2010. Trata-se da primeira casa modernista tombada isoladamente fora do centro histórico, um marco da arquitetura moderna em João Pessoa, projetada por um arquiteto vindo da *Escola Carioca*, Acácio Gil Borsoi, com jardins de Roberto Burle Marx, paisagista de reconhecimento internacional e considerado um dos melhores profissionais do Brasil até os dias de hoje.

Para que não se perca mais um exemplo de arquitetura moderna na cidade, tenta-se proteger a casa devido ao seu potencial valor histórico, localizada na rua mais importante da cidade, a Avenida Epitácio Pessoa, pois os interesses econômicos predominantes poderiam simplesmente demolir a construção. No mesmo ano que é destruída a Residência Otacílio Campos, em 2004, ocorre grande polêmica entre os profissionais de arquitetura e surge em 2006 a solicitação para que a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho seja preservada, garantia de que as intervenções futuras não contribuam para ameaçá-la, mas sim, com o benefício de manter viva a obra de Borsoi, pois “essa visão ‘de permanência’, ‘de eternidade’, é que precisa ser tratada, porque senão não vai existir memória, nem história”, como dito pelo próprio arquiteto (BORSOI, 2009, p.56).

Na avaliação do projeto, as contribuições que trazem maiores informações e uma postura analítica são os trabalhos de pesquisa de Guilah Naslavsky (2005) e Izabel Amaral (2004). Estes fundamentam as influências de Le Corbusier e dos grandes

arquitetos brasileiros do modernismo que difundiram a arquitetura de Acácio Gil Borsoi no nordeste (CARVALHO, 2006, p.6).

Porém, é de salientar que vários autores escolhem esta residência quando falam de Borsoi ou da arquitetura nordestina brasileira como Hugo Segawa e José Wolf entre outros críticos da arquitetura local e nacional (CARVALHO, 2006, p.6). Desta forma, o interesse por esse exemplar da arquitetura moderna torna-se inquestionável.

Na ficha de Inventário o imóvel foi classificado como um bem de “conservação parcial”¹², garantindo a adaptação às funções contemporâneas, além de permitir que em intervenções futuras os danos sejam revertidos.

Em 1998 é feito o desmembramento do terreno em 2 lotes e a construção sofre transformações a partir da década de 1990, devido a usos institucional e comercial¹³, que lhe causaram alterações, mas não a descaracterizaram por completo.

A primeira reforma modificou grande parte da essência da casa, observa-se na figura 19 e 21 as vistas alteradas e na figura 20 e 22 o interior diferente¹⁴.

¹² Dados adquiridos no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do estado da Paraíba (IPHAEP), após leitura do processo de Tombamento da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, Fevereiro de 2013.

¹³ Segundo o relatório de Tombamento a casa já tinha sido escola de Informática e empresa de telefonia (Claro).

¹⁴ Segundo o relatório preliminar para o Tombamento de Juliano Carvalho, 2006:

“Exterior da construção

- ☒ Algumas aberturas foram vedadas com alvenaria;
- ☒ Os pilotis foram revestidos com laminado de alumínio (*Reynobond*) branco;
- ☒ A piscina foi aterrada com areia e brita;
- ☒ No primeiro pavimento (fachada leste) foi acrescentado um peitoril, e as esquadrias de madeira foram substituídas por outras de alumínio, com vidros revestidos por insul-film azul.

Interior da construção

- ☒ Foram retiradas algumas paredes;
- ☒ Vedaram-se com vidro os elementos vazados cerâmicos do nível da garagem para utilização de ar-condicionado;
- ☒ A escada de concreto que ligava o pavimento térreo ao mezanino foi demolida, e foi construída uma nova, em perfil metálico, ao lado da escada que liga o térreo ao nível da garagem;
- ☒ A parede em pedra rústica do pavimento térreo foi revestida por madeira.

Paisagismo

O jardim projetado por Burtel Marx teve diversas plantas retiradas, mas parte dos elementos essenciais de seu projeto permanece: o espelho d’água, o desenho dos passeios a percorrer e a vegetação remanescente.”



Fig. 19 e 20: Residência Cassiano Ribeiro Coutinho
Fonte: PEREIRA, 2008, p. 89 e Wolf, 1999, doado por Juliano Carvalho



Fig. 21 e 22: Vista principal e vista leste da Casa e seu interior.
Fonte: AMARAL, 2004, p. 19 do Apêndice A.

Conforme a caracterização do entorno, no relatório para Tombamento, nesta área, ao redor da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, não existem praticamente edifícios verticalizados. Os lotes apresentam função de comércio e serviços no máximo com 2 a 3 andares, sendo este o principal uso. A função Residencial, edificações degradadas sem utilização e lotes sem ocupação, caso dos terrenos vizinhos

envolventes. Atenta-se que estas construções não demonstram qualquer relevância nem interesse arquitetônico, bem como, não oferecem uma leitura urbana homogênea.

Segundo Naná Garcez, Damião Cavalcanti ex-diretor do IPHAEP informou que “a preservação é obrigatória, o uso e as alterações serão monitorados e, sem prévia autorização do Instituto, não se poderá, na vizinhança, fazer construção que lhe impeça ou reduza a visibilidade” (GARCEZ, 2009, p. 53).

2.2. O projeto das duas torres: Empresarial Acácio Gil Borsoi

Apenas na década de 50, João Pessoa começa a ver a verticalização da cidade e alguns prédios no centro vão emergir para dar destaque ao comércio e ao desenvolvimento. O progresso e a modernidade são o alvo da questão e o incentivo à construção obrigatória de mais do que três andares¹⁵ surge nessa época com esse intuito: a avenida Guedes Pereira, Barão do Triunfo, ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas bem como o Ponto de Cem Réis e as Praças 1817, Vidal de Negreiros e João Pessoa são os locais afetados. Segundo PEREIRA (2008) passa-se a chamar de Cidade Alta esta parte da cidade, pois seria um espaço valorizado símbolo de produtividade, caso do Edifício de escritórios Nações Unidas (1957) e fora dessa área o Edifício de apartamentos Presidente João Pessoa (1957), na avenida General Osório, que impulsiona a verticalização da cidade ou incentivo para tal na década de 50.

¹⁵ A Lei nº440, o vereador membro da comissão de Obras Públicas argumenta: “depois de decorrido um período de cem anos é que talvez, pudéssemos ter tamanha e extensiva área ocupada por prédios do feitiço exigido pelo projeto em alusão (...) ficaria preterida grande parte da nossa cidade à construção de prédios de menor altura, inclusive os de 1º e 2º andar” (PASSOS,1956, apoud PEREIRA, 2008).

É com este cenário que começa na década de 50 o desenvolvimento de prédios junto da orla costeira, como o bairro Tambaú. Assim poderia fazer sentido o fato de Acácio Gil Borsoi esboçar para junto da Casa Cassiano Ribeiro Coutinho dois prédios de uso misto¹⁶ (Fig. 23, 24 e 25). Seria de todo o agrado uma família com elevada condição financeira se destacar à frente de duas torres, é com esse conceito que se avistaria da avenida Epitácio Pessoa o tamanho impacto na paisagem urbana e nesse tempo o símbolo do poder e progresso estava associado.

Deixou Borsoi, autor da obra original da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955), na sua Carta Testamento (ver Anexo 01), as intenções que tinha para recuperação da obra:

O projeto para valorização e efetiva incorporação da casa de Cassiano Ribeiro Coutinho ao acervo cultural de João Pessoa deve contemplar uma série de considerações que compreendem aspetos culturais, arquitetónicos, urbanísticos, comerciais e imobiliários (BORSOI, 2009).

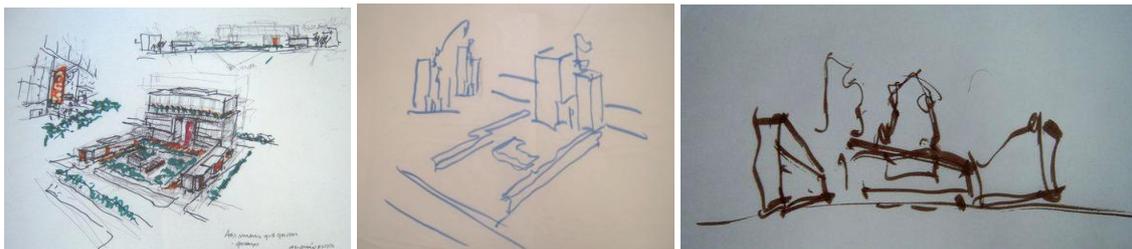


Fig. 23, 24 e 25: Esboços da proposta de intervenção elaborados por Acácio Gil Borsoi.
Fonte: Arquivo Pessoal Amélia Panet.

¹⁶ Na Carta Testamento falava Borsoi: “(...) propõe-se o seguinte programa destinado a uma efetiva valorização da casa e seu entorno, com uma superfície útil de aproximadamente 15 000 m².”
“Uso residencial integrado com o empresarial, no conceito de “home office. Esta proposta é novidade no mercado imobiliário de João Pessoa e procura racionalizar produtividade e tempo”. Fonte: Arquivo Pessoal Amélia Panet.

Em desenvolvimento, a proposta da construtora Alliance, é defendida pela “criação de um lugar urbano, cheio de vida, que estimule o uso e a valorização da casa e do jardim” por Vera Pires e Roberto Ghione com o mesmo conceito (Fig.26), pois no contexto imediato os prédios ainda são baixos e se destacaria na mesma as esculturas urbanas (Fig.27):

[...] a Alliance solicitou fazer dois edifícios separados, por conveniências particulares do empreendimento. Então ele pensou fazer duas torres de alturas diferentes, bem altas, como dois faróis que seriam visualizados desde grande parte da cidade. Ele tinha a ideia de marcar o lugar da casa com uma proposta bem arrojada, com o mesmo arrojado que teve a casa no momento da sua construção (GHIONE; PIRES,2013).



Fig. 26 e 27: Perspetiva da proposta de intervenção (esquerda) e desenho do Alçado Principal (direita).
Fonte: Arquivo Pessoal Amélia Panet. Acervo Pessoal arquiteto Fábio Galiza.

Situações como esta são a oportunidade de inserir em João Pessoa espaços originais, voltados para a cultura, colocando os profissionais a pensar em um tipo de programa que traga vantagens e consiga financiar a manutenção destes locais, daí o recurso à Lei Rouanet, que possibilita iniciativas deste género como a proposta deste trabalho que deseja transformar a casa na Fundação Acácio Gil Borsoi fazendo parte do Centro Cultural Borsoi.

Na elaboração do projeto dos edifícios, o programa proposto por Borsoi compreendia cinco usos: comercial, empresarial, estacionamento, recreativo e residencial. Mas com o desenvolvimento do projeto a construtora decidiu abandonar a parte residencial¹⁷. Assim, aproveitam o índice de ocupação pela área total do terreno, conseguindo verticalizar mais o edifício (Fig.28) embora por lei permitido mas questionado por alguns profissionais interessados no património.



¹⁷ “[...] criação de um polo dinâmico ao redor da casa. Essa ideia não foi aceita pela Alliance porque o uso misto naquele momento não era muito valorizado e não queriam arriscar um investimento sem garantias de retorno financeiro.” Entrevista a Vera Pires e Roberto Ghione, João Pessoa, 21-03-2013 (Ver Anexo 02).

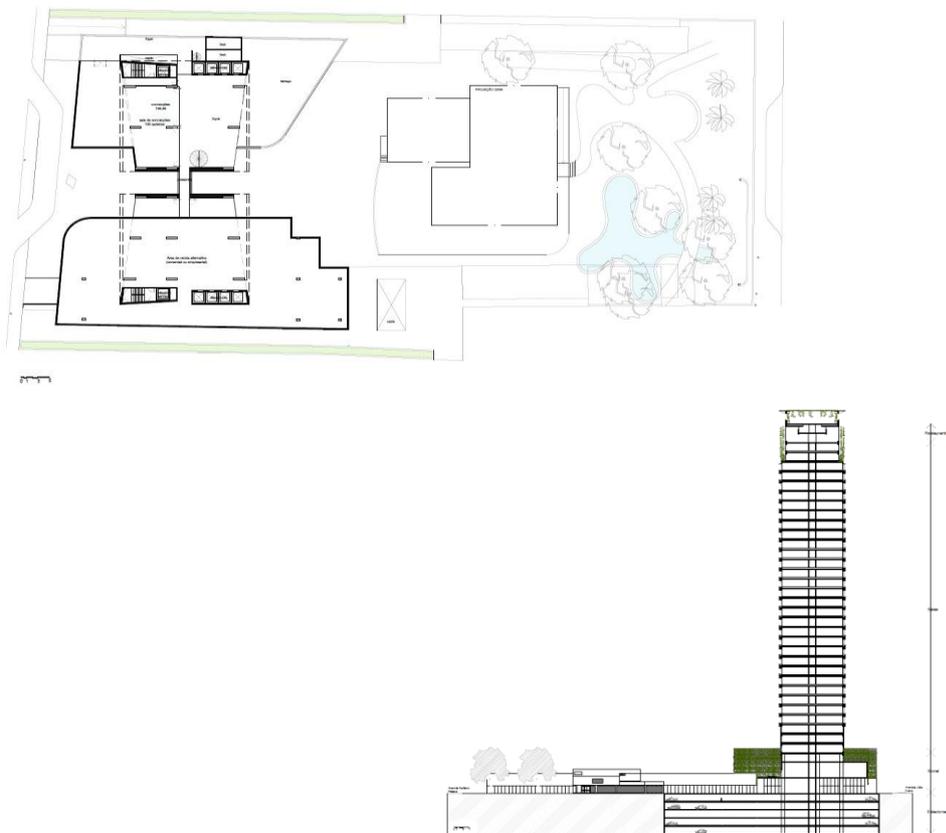


Fig. 28: Desenhos Técnicos: Corte Torre A, Planta Piso 0 e Planta Piso 1 Empresarial Acácio Gil Borsoi (Ver anexo 03).

Fonte: Acervo Pessoal arquiteto Fábio Galiza.

Os arquitetos depararam-se com dificuldades na sua aprovação, pois o órgão do património em João Pessoa (IPHAEP) coloca condições e não aceita a primeira proposta, devido ao avanço de edificações de pequena escala sobre as laterais do lote (ver em planta na Fig.28), lojas, defendendo os arquitetos que a ideia de Borsoi era tratar o muro com uniformidade. Outra questão é o estacionamento subterrâneo

próximo da casa, podendo interferir na sua estrutura, pois não apresentaram o projeto de contenção. A demolição da caixa de água e futura construção desta na entrada do empresarial (Fig.27) e a não apresentação do projeto de restauração da casa que seria, sem dúvida, o principal objetivo, completaram os motivos para a não aprovação do projeto pelo órgão do património da cidade, o IPHAEP.

A nível arquitetónico, o enquadramento que o projeto faz em relação à avenida Júlia Freire fica bem resolvido pela chegada ao edifício com a praça criada que envolve a caixa de água¹⁸ (Fig.27 e 28), a distribuição para as duas torres e o prolongamento da mesma praça até ao encontro da parede de cobogós (elemento vazado) da piscina supostamente no combate à diferença de cotas. “O embasamento foi pensado com uma colunata de altura tripla, baseada no excelente exemplo espacial do Ministério de Saúde e Educação do Rio de Janeiro, obra referencial de 1936, marco do início da arquitetura moderna brasileira e internacional” (GHIONE; PIRES,2013) vantagem para a ligação à Residência Cassiano Ribeiro Coutinho através da aproximação da escala e o uso ecológico de parede jardim na área de convenções e social de um modo contemporâneo deixando destacar-se a casa “A altura tripla valoriza a fachada posterior da casa, tão interessante quanto a frontal, pouco visualizada desde a rua posterior” (GHIONE; PIRES, 2013).

A galeria com lojas pelas laterais causa um aprisionamento da casa, reduzindo o espaço necessário para a valorização do imóvel. O tratamento do jardim deveria dar o realce tropical à construção como antigamente, além de não apresentar um desenho semelhante de ambos os lados (Fig.28).

¹⁸ Vera: “ele propôs primeiro um grande edifício com uma grande janela emoldurando a caixa de água existente (ver croquis original). Até queria revestir a caixa de água com revestimento tipo vidrotil na cor laranja”, “A intenção foi valorizar a arquitetura moderna da casa com a referência de outro elemento da modernidade brasileira, como a colunata de altura tripla. Em baixo desta altura tripla foi concebida uma praça coberta, de uso público, emoldurada pela fachada posterior da casa”(João Pessoa, 21- 02- 2013).

A proposta é fazer um edifício sustentável, com sombras que diminuem a incidência solar (com a consequente diminuição de consumo de ar condicionado), ventilações cruzadas, etc. O arremate foi pensado como dois espaços para funções especiais (restaurante panorâmico, academia, etc.) que marca a ideia de farol. O mastro de arremate, como uma grande agulha, foi solicitação dele (no croqui se visualiza como uma bandeira) (GHIONE;PIRES, 2013).

O impacto da altura deste projeto causa uma barreira muito forte, tanto visualmente, quanto fisicamente, apesar do jogo de saliências e reentrâncias (Fig.29), existentes nos pisos, criando uma dinâmica nos alçados. Quanto à materialidade, as torres “serão na cor bronze (pastilha, cerâmica, alumínio, vidro, revestimento tipo ‘alucobond’) tendentes a reforçar a característica de macro urbano unitário e diferenciado” referidos no Memorial descritivo do Projeto de Restauração e Valorização da Casa Cassiano Ribeiro Coutinho e novo Edifício Empresarial Acácio Gil Borsoi.

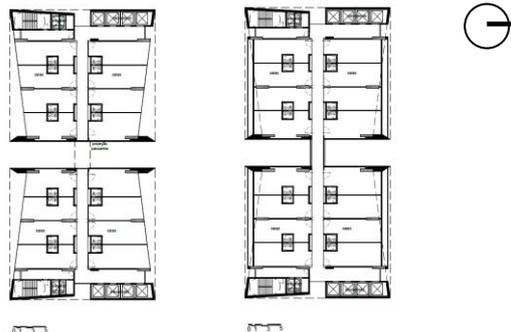


Fig. 29: Desenhos Técnicos: Planta Tipo 1 e Tipo 2 Empresarial Acácio Gil Borsoi.
Fonte: Acervo Pessoal arquiteto Fábio Galiza.

Os investidores pensam inclusive em abandonar o projeto devido à polêmica estabelecida, sobre a qual não se chegou a nenhum consenso entre a empresa e o

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). A construtora Alliance poderia fazer o projeto em outro local, porque as soluções encontradas deixam muita insegurança, não privilegiam a casa, pelo contrário, esquecem o propósito da ideia inicial, “problema que consideramos sério em relação ao patrimônio é que se visualiza o objeto isolado, independente do contexto, mas isso mereceria outra discussão” (PIRES; GHIONE, 2013). Para Roberto Ghione, arquiteto argentino, a melhor opção é o órgão municipal, a Prefeitura Municipal de João Pessoa, desapropriar o terreno, para conceder à casa visão¹⁹ (Ver Anexo 02 a entrevista aos arquitetos questão 4).

2.3 A realidade de João Pessoa nos dias de hoje – a verticalização

A intensa produção de construção civil a que assistimos na cidade de João Pessoa atualmente é um dado adquirido e resta saber por onde irá o mercado ou que limite irá atingir dentro dos próximos 20 anos.

Os empreendedores cada vez mais investindo em terrenos, projetando mais torres de apartamentos e escritórios, tudo é motivo para construir e atingir a classe média e alta. No mesmo intento estão o que a construtora Alliance conjuntamente e outros grupos pretendem para o terreno da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho. Se a intenção do próprio arquiteto era já a de projetar dois edifícios de escritórios para o local, junta-se o útil ao agradável: a restauração da casa seria a contrapartida para a

¹⁹ Na conversa com Vera Pires e Roberto Ghione: “Borsoi aconselhou comprarem o terreno vizinho para libertar a casa, seria o ideal para ficar controlada a questão, mas não quiseram”.

Roberto: “Não gosto muito da solução das torres, é o que a lei permite, pode-se construir vários pisos, os investidores não querem perder dinheiro, temos de aproveitar ao máximo. Na minha opinião a casa precisa de visão, a prefeitura teria de desapropriar o terreno. É a lógica de objeto não é a de contexto. Os arquitetos trabalham e só falam em edifícios não em cidade. Eu estou habituado a ver a integração com a cidade e aqui no Brasil não.” (João Pessoa, 21-02-2013- ver Anexo 02).

utilização da área para a nova construção. Agora será que o programa proposto é adequado para o contexto? Que impactos terão os edifícios sobre a casa?

O programa apresentado pela construtora tenta-se justificar devido ao potencial comercial e empresarial instalado ao longo da avenida Epitácio Pessoa o que para a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho poderia ficar resolvida a questão pelo interesse favorável do mercado imobiliário. O único problema a apontar nesta situação é o impacto que estes edifícios, a nível de escala, vão ter na envolvente da casa, trata-se de uma questão de leitura urbana. Se há permissão legal é porque a cidade não tem um plano urbano tão rígido e não olha para a cidade como um todo.

Falar de verticalização é também uma questão de simbologia do poder. João Pessoa ainda tem, em seu território urbano, muitos terrenos ociosos, baldios, espaços rebeldes em bairros como o Bessa, por exemplo, ou na região sul da cidade, próximo ao centro de convenções (perto da Estação Ciência do arquiteto Oscar Niemeyer) onde é possível continuar a combater o déficit habitacional através de propostas mais adequadas. Com uma melhor distribuição do adensamento populacional na malha urbana teremos um melhoramento urbanístico se a estrutura necessária for conseguida para tal, exemplo disso tem sido observado com as melhorias de bairros mais populares feitas no bairro de Valentina e arredores devido ao projeto Minha Casa Minha Vida financiado pelo Banco da Caixa para habitação social.

Porém, sobre a questão da densidade, a solução de verticalizar compromete a mobilidade urbana. Se não for traçado um plano que contemple esse crescimento e priorize o transporte coletivo e os não motorizados, o tráfego será enorme. João Pessoa não tem uma rede de transporte coletivo que viabilize isso e a tendência da

cidade é progressivamente ter um aumento populacional. Não é só aglomerar inúmeros apartamentos num único terreno onde se sabe que todas as pessoas que moram nele vão provocar um elevado fluxo, não só comprometendo a movimentação dentro do prédio, mas também o crescimento do número de carros por cada família.

A verticalização só é necessária quando um centro urbano deixa de possuir espaço para habitar, pois essa solução pode ser a causa de vários problemas quando não planeada adequadamente.

Os edifícios mais altos apresentam cara construção, operação e manutenção. A nível técnico, a questão dos incêndios que é fundamental, obriga o prédio a conter mais escadas de emergência, criando-se inviabilidade de custos e humana. Ainda existe o problema da drenagem, com as chuvas tropicais a necessidade do aparecimento de zonas de escoamento de águas e criação de esgotos com qualidade é importante para que não ocorram inundações. Sem falarmos das energias renováveis, especificamente a energia solar, os avanços que o país irá ter nesse sentido, debate sustentável a emergir. A verticalização incapacita muitas propriedades devido ao sombreamento causado pelos arranha-céus. Além disso, outros fatores são influenciados, a saúde mental e a educação porque as crianças não brincam nem circulam pela rua. Pensar em novos modos de habitar é necessário face à realidade:

A era dos Arranha-Céus está chegando ao fim. Hoje eles devem ser considerados como uma tipologia de edificação experimental que fracassou (Disponível em: <http://www.planetizen.com/node/27>. Acesso em: 13. abr. 2013)

Como serão as torres de João Pessoa chegando ao limite de vida da construção? Reforma ou demolição? No futuro os proprietários vão continuar com esse padrão de vida? As famílias abandonam os espaços e quem financiará esses custos de manutenção? Observemos São Paulo que já possui uma série de prédios verticais abandonados.

Se considerarmos alguns prédios da época do modernismo em João Pessoa já se avistam problemas de degradação, atualmente, é de salientar o Edifício "18 Andares" na Avenida General Osório (Fig.30), o Edifício Carice na Avenida Pres. Getúlio Vargas (Fig.31) e o Edifício Régis no Ponto Cém Reis (Fig.32). Que projetos de restauração estão a ser feitos para estes? Onde está o investimento na manutenção dos prédios, será que vão reunir condições para continuar funcionando ou passados alguns anos serão demolidos e aparecerão outros?



Fig. 30, 31 e 32: Primeiro edifício alto em João Pessoa "18 andares" (esquerda) Edifício Carice (centro). Edifício Régis (direita).

Fonte: Acervo Arion Farias. LPPM (Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória da PPGAU da UFPB) in CHAVES, 2006 e arquivo pessoal.

Dois fenómenos se observam em João Pessoa: a especulação imobiliária e a falta de valorização do património. O primeiro não está sobre o controle, pois cada vez mais os investidores fazem de tudo para lucrar e o governo não toma medidas porque é permitido por lei e, o segundo não reconhece o património como parte da história da cidade, pois só se começa a falar de preservação patrimonial em João Pessoa, recentemente, década de 80-90, tratando-se de uma questão de educação.

Ainda hoje, é difícil de falar em preservar o moderno, ainda não existe o "hábito" de pensá-lo como património, principalmente em um país que, apesar das estatísticas, ainda se considera "jovem" (CARVALHO, Juliano; CABRAL, André, 2006, p.2).

Bons exemplos podiam ter sido preservados mas, o órgão municipal da cidade (prefeitura) e o órgão do património da cidade (IPHAEP) permitiram que outros projetos mais lucrativos aparecessem em João Pessoa. Como exemplo, a demolição de edificações antigas em prol de nova construção, caso da obra de Acácio Gil Borsoi na Epitácio Pessoa, a Residência Otacílio Campos (1968) destruída (Fig. 33, 34 e 35) para surgir um centro comercial (Moriah Shopping).



Fig. 33, 34 e 35: Residência Otacílio Campos (1968).

Fonte: Arquivo pessoal do arquiteto disponível em: <<http://arqpb.blogspot.com.br/2007/10/accio-gil-borsoi.html>> acesso em 14/01/13.

Como dizia Amorim a consequência destas substituições vista em Recife e notada em outras cidades brasileiras é a “perda de edifícios de qualidade ímpar e a sua substituição por imóveis que quase nunca representam uma contribuição arquitetônica à altura do imóvel demolido” (AMORIM 2009, p.1, *apud* ROCHA, 2011, p. 68).

Vejamos exemplos de cidade onde o mesmo conceito de verticalização surgiu e o resultado foi um colapso: São Paulo e Recife. Já existem realidades com graves consequências de adensamento, por que repetir o erro?

Assistimos a um movimento arquitetônico individualizado e particular, ou seja, faz-se arquitetura preocupados no lote, na torre, que apenas se limita àquela parcela de terreno, não interessa a criação de áreas verdes e de lazer, do aparecimento de espaços livres para respirar a cidade, além da questão da ventilação e do calor que cria graves problemas em alguns locais, por exemplo, a zona atrás do Altiplano que já se localiza numa parte da cidade mais elevada (Bancários) tende a ser uma ilha de calor com a barreira criada pelos prédios ali implantados. Embora na zona de estudo o índice de verticalização seja baixo, não se justifica a projeção do Empresarial Acácio Gil Borsoi com 37 andares a torre maior e, 29 a menor (ver os desenhos técnicos abaixo Fig.28) quando ao redor não se avista uma altura semelhante. Estas são consequências da grande escala que João Pessoa precisa pensar. Outrossim, a segregação urbana e social que é outro fator fundamental e requer outro debate com relação ao modo de vida do país inteiro.

Trata-se de uma reflexão de todos os responsáveis, quer da área de construção civil, quer do governo e órgãos administrativos, ter a consciência destes problemas. Na revisão da legislação e do código de obras todos os aspetos relativos ao crescimento

urbano, alguns desses mencionados anteriormente, devem ser pensados como respostas para o futuro da cidade de João Pessoa. Os instrumentos do Estatuto da Cidade, lei N.º 10.257/2001 devem ser implementados em situações desta natureza para que a função social do património seja legitimada.

2.4 Intervenções em casas modernistas – casos de estudo

Nem sempre a solução para o património moderno é o convívio com outro imóvel que o sustente. Nas residências modernas, existem discussão e pressão do mercado imobiliário. Para se protegerem, as casas mais famosas ganham logo vida transformadas em fundação que administra os acervos dos profissionais, como exemplo da Casa Canoas (1951) de Oscar Niemeyer, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, já existem exemplos que podem ser seguidos pela sua relevância no trato do património moderno.

Como afirma VIEIRA (2009,p.9):

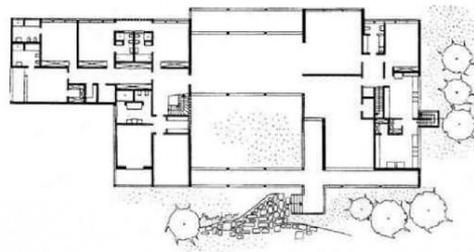
[...] o que move a conservação da arquitetura moderna é a leitura e a valorização que nós, hoje, temos da produção modernista; não podemos tentar pensar como os modernistas e, sim, como sociedade do século XXI (VIEIRA, 2009, apud ROCHA, 2011, p.61 e 62).

Um bom exemplo é a Casa de Vidro da arquiteta Lina Bo Bardi (1951) transformada num Instituto Lina Bo e P.M Bardi (Fig.36 e 37) em 1990, pois o espaço mostra a coleção de arte adquirida pelo casal, em 1955 o escritor Pietro Maria Bardi doa a casa para promoção das artes brasileiras no país e exterior (Fig.38).



Fig.36, 37, 38: Casa de Vidro (1951), projeto de Lina Bo Bardi e foto atual do Instituto.
Fonte: ROCHA, 2011,p.70. <<http://www.institutobardi.com.br/>> acesso a 15/03/2013.

A Fundação Maria Luísa e Oscar Americano, bairro do Morumbi em São Paulo (1953), projeto do arquiteto Oswaldo Bratke segue a mesma lógica, desde 1974, apenas apresenta um programa mais extenso de atividades. Não é só um acervo (período colonial, imperial e moderno) mas também espaço para concertos (piano, violino), parque com visitas monitoradas visto que a vegetação é densa e transmite o selvagem, o tropical do habitar no modernismo, além do estudo da biologia importante para a educação. Ainda existe o salão de chá, uma loja e a contemplação de artes plásticas e história.



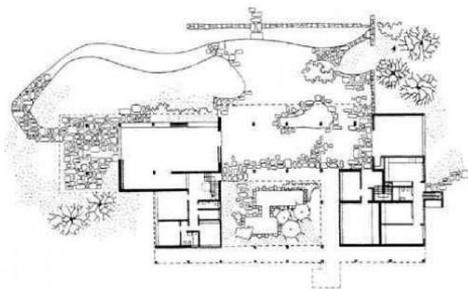


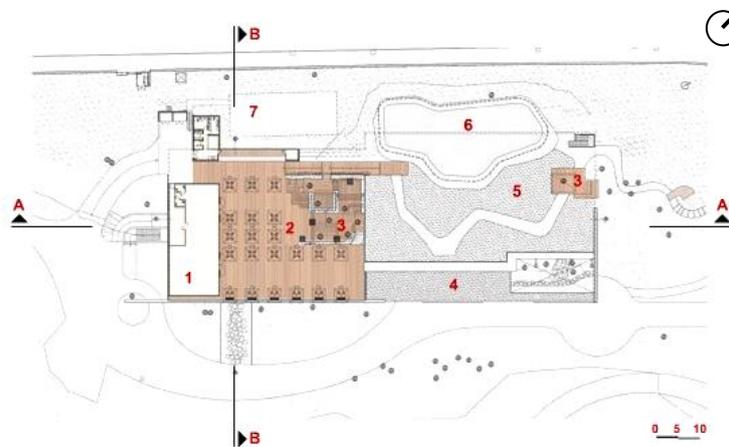
Fig.39 e 40: Fundação Oscar Americano: fotos da casa (esquerda) e planta piso 0 e piso 1 (direita).
Fonte: <<http://www.archdaily.com.br/33190/classicos-da-arquitetura-residencia-oscar-americano-oswaldo-bratke/>> acesso a 21/03/2013.

Nos casos anteriormente apresentados o que interessa realçar para a intervenção deste trabalho é o fato de modificarem a casa para acervo do arquiteto que projeta a edificação restaurando as características da construção antiga, que no caso dessa proposta funcionará muito bem na Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, expondo o acervo de Acácio Gil Borsoi. Anteriormente, as obras comentadas possuem a presença de um arranjo exterior selvagem aproveitando essa paisagem na programação de visitas educativas, estabelecendo um paralelo à Residência Ribeiro Coutinho. Afinal, nada melhor do que disfrutar do paisagismo de Burle Marx.

Somente na Fundação Maria Luísa e Oscar Americano será feita uma intervenção contemporânea, um anexo cultural (Fig.42 e 43) de aproximadamente 4 500m² para dar apoio à casa, projeto realizado em 2012 pelo próprio filho do

arquiteto, Carlos Bratke²⁰. A nova construção compreenderá três andares com um programa composto por outro salão de chá, teatro, sala de exposições, sala para congressos, eventos e jardim para esculturas (Fig.41). Ainda que, a criação de um novo acesso pelo parque-jardim.

Assim, este caso de estudo foi referência para o programa de necessidades do Centro Cultural Borsoi na intervenção da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho além da leitura contemporânea que é feita nesta construção nova tanto a nível da ocupação como da materialidade. A proposta observa-se horizontal e se estende pelo terreno indo ao encontro da casa através dos percursos do jardim utilizando materiais característicos do modernismo: o uso do tijolo aparente, a utilização de madeira, as grandes aberturas de vidro que deixam ter contato com o exterior (Fig.43) deixando transparecer.



1. Salão de chá / 2. Deque / 3. Área não escavada / 4. Marquise / 5. Jardim das esculturas
6. Espelho d'água / 7. Pavilhão existente

²⁰ "A Fundação ganhará em importância como centro cultural" dito pelo arquiteto Carlos Bratke in Grupo 1 de Jornais, artigo "Histórica casa de Oscar Americano será reformada" publicado por Sílvio Pereira em Setembro 2011 disponível em: <<http://grupo1info.blogspot.com.br/2011/09/historica-casa-de-oscar-americano-sera.html>> acesso a 23/03/2013.

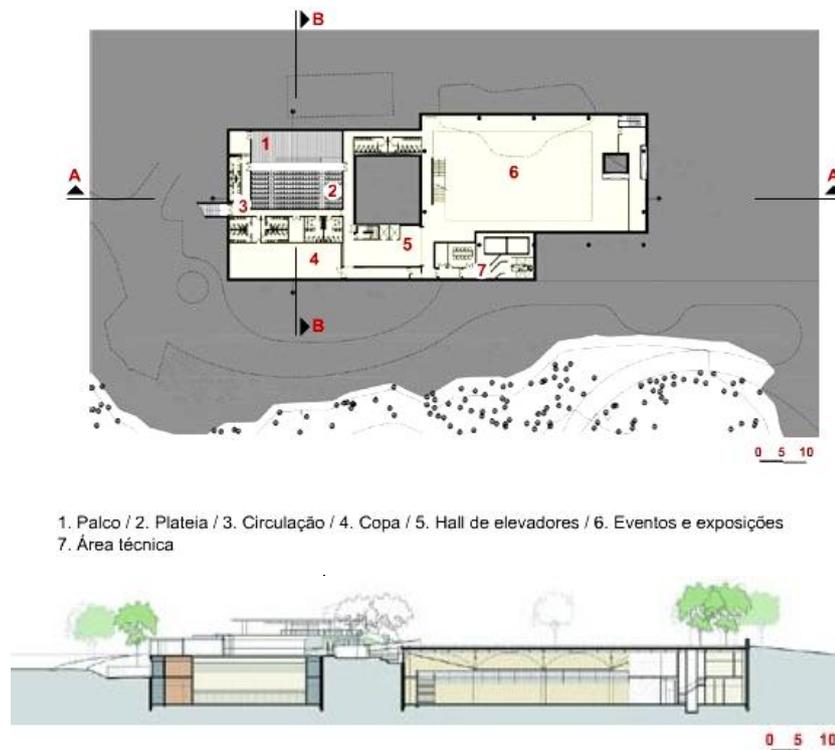


Fig.41: Localização, Planta Piso Superior, Planta Piso -1 e Corte AA do Anexo Cultural da Casa Oscar Americano.

Fonte: Desenho arquitetônico Carlos Bratke Ateliê de Arquitetura disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/carlos-bratke-atelie-arquitetura-espaco-cultural-sao-paulo-18-04-2012.html> acesso a 23/03/2013.



Fig.42 e 43: Imagem da Implantação e 3D Anexo Cultural da Casa Oscar Americano (2012).
Fonte: Revista **PROJETODESIGN**, Edição 384, Fevereiro de 2012.

Em suma, como acontece em cidades europeias, a casa torna-se museu, fundação o que suprime a especulação imobiliária tal como a Villa Savoye de Le Corbusier. Ou ainda, iniciativa privada em adquirir a residência para uso próprio, fazendo alterações às exigências da funcionalidade contemporânea respeitando e mantendo os detalhes originais, considerando-a, “como item colecionador” (PRUDON, 2008, p. 211, 212).

Se pensarmos nesse sentido, o desaparecimento dessas referências não tem retorno, nunca mais se irá projetar com aquele estilo com aquelas características com aquele programa que correspondia ao cotidiano daquele tempo, são marcas que constituem o passado de uma cidade. Já dizia Acácio Gil Borsoi:

Tem um livro que começa assim: conhece-se a história de um povo, a cultura de um povo, pelos seus momentos, pelas suas construções. Então se você não tem construção nenhuma você não existiu (BORSOI, 2009, p. 56).

A conservação e revitalização do patrimônio histórico no Brasil ainda é um tema muito recente. No entanto, grande esforço vem sendo feito pelos órgãos patrimoniais. A população, de forma geral, ainda não percebe o potencial desses locais históricos, sentindo muitas vezes estes como perigosos, velhos e degradados. A manutenção tem seus encargos elevados, torna-se difícil lidar com as patologias das construções mas com a participação mais ativa dos órgãos interessados a solução podia ser bem melhor, senão para quê a formação destes grupos que se dizem protetores e os apoios por parte do estado?

CAPÍTULO III

A proposta – Projeto de um Centro Cultural

3.1 Caracterização do terreno

O local para a proposta do Centro Cultural Borsoi situa-se no terreno da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho localizado entre a Avenida Epiácio Pessoa e a Avenida Júlia Freire. Foram construídos os “bairros modernos” em torno da Residência implantada sobre o eixo principal de expansão de João Pessoa, em direção ao litoral sendo o bairro da torre a área onde se insere. A casa existente ocupa 8,4% do terreno que atravessa toda a quadra na transversal²¹.

O terreno localiza-se na quadra 02, no lote 1090 e está de acordo com o código de zoneamento do município de João Pessoa numa zona ZA1 (Zona Axial Epiácio Pessoa) correspondente ao uso Institucional Regional (IR), sendo possível construir um equipamento cultural atingindo um máximo de ocupação de 50% da área total do terreno (Fig. 43) por se tratar de uma zona adensável não esquecendo os recuos por lei estabelecidos na tabela seguinte.

ZONA AXIAL EPITÁCIO PESSOA (ZA1)							
USOS	LOTE				EDIFICAÇÃO (A)		
	ÁREA MINIMA	FRENTE MINIMA	OCUPAC. MÁXIMA	ALTURA MÁXIMA (B)	FRENTE	LATERAL	FUNDOS
R1	450,00	15,00	50	-	5,00	1,50	3,00
R2	450,00	15,00	50	2 P/	5,00	1,50	3,00
R5 (1)	600,00	20,00	40	PL + 4P/+CB	5,00	4,00	4,00
R6	900,00	30,00	40	-	6,00	3+(h/10)	3+(h/10)
CB=SB	600,00	20,00	70	PL + 2P/ ou 3 P/	6,00	TE =0,0 DE =2,00	2,00
CP=SP	600,00	30,00	TE+2 =70 DE =40	-	ATE 3' =6,0 DE =8,00	TE =0,0 ATE 2' = 2,00 DE =3+(h/10)	ATE 3' =2,0 DE =3+(h/10)
CP, SP/R6 (2)	600,00	20,00	TE+2 =70 DE =40	-	ATE 3' =6,0 DE =8,00	TE =0,0 ATE 2' = 2,00 DE =3+(h/10)	ATE 3' =2,0 DE =3+(h/10)
IR	600,00	20,00	50	-	5,00	2,00	3,00
IPP (3)	450,00	15,00	50	-	6,00	2,00	3,00

Fig.44: Tabela de usos e índices urbanísticos da ZA1
Fonte: Código de Urbanismo de João Pessoa.

²¹ Dados retirados do estudo recente de Cordeiro, Aristóteles; Tinem, Nelci. **Registro de uma obra moderna através de modelo geométrico Tridimensional digital. Residência Cassiano Ribeiro Coutinho.** João Pessoa, 2012.

Para a proposta do Centro Cultural Borsoi será anexado o terreno vizinho, terreno estreito e baldio que separa a residência existente do prédio vizinho, sendo no total 5 768,21 m² para área de intervenção (Fig.45 - Ver nos desenhos técnicos as plantas síntese).

Em relação ao entorno, a altimetria predominante nos edifícios envolventes é apenas de dois a três andares com a exceção de um prédio com aproximadamente dezessete pisos que cria certo impacto (Fig.47). Ainda que, os usos principais são os comerciais, serviços e religioso localizando-se na avenida Júlia Freire uma igreja.

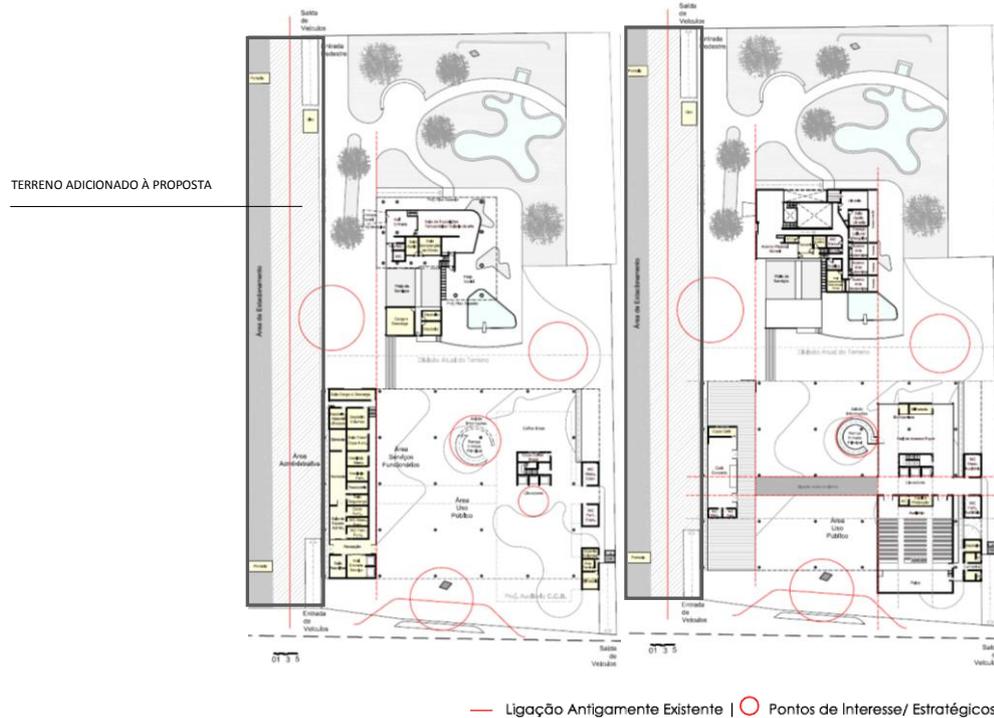


Fig.45: Planta Síntese Piso 0 e Piso 1.
Fonte: Arquivo pessoal.

A incidência solar será maior na direção sul e oeste, tendo a nova construção que atender a essa questão devido ao clima tropical e a ventilação predominante de sudeste, interferindo na ventilação natural do edifício. Neste sentido, o uso de elementos vazados será então importante na sua composição, um dos princípios da arquitetura nordestina.

Na concepção do projeto será relevante enquadrar as pré-existências tanto da casa, do jardim de Roberto Burle Marx e dos elementos soltos nos limites do lote, as caixas de água vistas das duas ruas envolventes (Fig. 46, 47 e 48).



Fig.46, 47 e 48: Vista da Avenida Epitácio Pessoa, a azul escuro no meio da vegetação, uma das caixas de água (esquerda), imagem a partir do jardim avistando-se o terreno baldio e o único edifício maior ao redor da casa (centro), vista do interior da residência para a caixa de água principal (direita).

Fonte: Fotos de levantamento arquivo pessoal.

3.1.1 Diretrizes projetuais

Para resolver a ligação de toda a área, incorporar o terreno vizinho na proposta é fundamental no intuito de tratar toda esta parcela como um conjunto e ganhar mais área para construção, bem como recriar a rua antigamente existente que atravessava o terreno pela lateral do lote da Avenida Epitácio Pessoa para a Avenida Júlia Freire (Fig.45 - Ver desenhos técnicos plantas síntese).

Propor a restituição do projeto original da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho conforme o desenho do arquiteto Acácio Gil Borsoi também é necessário. É feito o diagnóstico de análise desta construção sugerindo a adaptação para a Fundação Acácio Gil Borsoi, com todo o seu acervo incorporando esta ao Centro Cultural. Como já dizia o arquiteto: “as atividades na casa não deverão comprometer sua concepção arquitetônica. Para isso, sugere uma atividade única, sem fragmentação do seu espaço interno (livraria-café, restaurante, galeria de arte, etc.)” (BORSOI, Acácio Gil. Conceitos para uma intervenção arquitetônica, 2009).

A integração da caixa de água com o Centro Cultural Borsoi será importante para que este elemento ganhe vida e fique agregado ao novo anexo.

As áreas externas da nova construção permitam estabelecer um diálogo com o jardim de Burle Marx para que não seja perdido o conceito de percurso sinuoso em todo o terreno.

Ainda que, o programa deverá ter em atenção a escala da nova construção, tanto quanto às atividades recreativas quanto à arquitetura, ou seja, a nova construção será limitada comprometendo a sua forma devido à criação de eixos visuais importantes, condicionando o pré-dimensionamento do programa para que se sinta um diálogo harmonioso entre as duas edificações, isto é, adaptar as atividades ao espaço para que não seja excessivamente extensa a área construída do centro cultural.

3.2 O programa

O programa proposto contempla a questão cultural, o que, na tentativa de recuperação da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, levará a Fundação Acácio Gil Borsoi a guardar o acervo pessoal do arquiteto bem como uma livraria e galeria de

arte com exposições temporárias de pequeno porte. O programa de necessidades será o seguinte (Ver Anexo 04, tabela de relação entre as áreas do programa existente e as áreas do programa proposto):

- 1- Livraria/ Sala Leitura e pesquisa
- 2- Galeria de Arte / Sala de exposição temporária/ Espaço versátil
- 3- Acervo Pessoal Borsoi
- 4- Acervo de arte modernista
- 5- Sala de Cadastramento e Manutenção de Obras
- 6- Depósito de Livros/ volumes
- 7- Centro de Fotocópias

A proposta do Centro Cultural Borsoi completa o programa da Fundação com a principal atração de um auditório com a capacidade para 310 pessoas, que tanto poderá funcionar como teatro como também sala de convenções e conferências quer nacionais quer internacionais, um espaço de exposições anexado ao novo jardim e a particularidade de um café concerto.

A criação do programa deste Centro teve como referência o anexo cultural da Fundação Maria Luísa e Oscar Americano referido anteriormente, bem como base a norma brasileira ABNT NBR9050, sobre Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos, respeitando o dimensionamento das áreas específicas de equipamentos culturais e as condições de acessibilidade.

Vale salientar que no programa se pretende realizar uma interligação com a residência existente, através da extensão das atividades do Centro Cultural Borsoi.

Assim, o programa de necessidades é dividido em quatro funcionalidades:

Área Externa

- 1- Estacionamento Funcionários / Público – 139 vagas + 2 vagas especiais

Área Administrativa

- 1- Diretoria- 16,72 m²
- 2- Sala de Reuniões- 17,80 m²
- 3- Tesouraria- 12,15 m²
- 4- Sala de Monitoramento/Segurança- 11,98 m²

- 5- Secretaria- 21,29 m²
- 6- Copa- 12,25 m²
- 7- Wc Feminino Func.- 13,26 m²
- 8- Wc Masculino Func.- 9,75 m²
- 9- Sala de Espera- 26,19 m²
- 10- Circulações- 21,28 m²

Área de serviços funcionários

- 1- Entrada de Serviço (com elevadores)- 34,14 m²
- 2- Sala Estar Funcionários C/ Copa- 24,08 m²
- 3- Recepção/ Espera- 33,30 m²
- 4- Vestiário Masc.- 16,94 m²
- 5- Vestiário Femi.- 16,94 m²
- 6- Depósito de Material de Limpeza (Dml)- 17,92 m²
- 7- Lixo- 15,86 m²
- 8- Cabine de Projeção Auditório c/ Wc- 17,60 m²
- 9- Depósito Auditório (Guarda Volumes)- 10,64 m²
- 10- Depósitos salas de exposições (2)- 32,26 m²
- 11- Área Técnica- 7,98 m²
- 12- Carga e descarga- 25,61 m²
- 13- Guarita com WC (2)- 17,84 m²
- 14- Circulações (15 %)- 40,66 m²

Área de uso público

- 1- Hall de acesso/ Foyer- 157,94 m²
- 2- Bilheteria- 29,56 m²
- 3- Bombonière (loja de doces)- 5,71 m²
- 4- Auditório / Teatro (310 pessoas)- 326,26 m²
- 5- WC Masculino Auditório- 19,64 m²
- 6- WC Feminino Auditório- 19,64 m²
- 7- Camarins (2)- 12,48 m²
- 8- WC Camarim- 5,76 m²
- 9- Salas de exposições e eventos- 430 m²
- 10- WC masc. Exposições- 19,64 m²
- 11- WC fem. Exposições- 19,64 m²
- 12- Copa apoio exposições- 17,60 m²
- 13- Coffee Break- 215,22 m²
- 14- Balcão de controle/informações- 10,86 m²
- 15- Café Concerto/ Área externa de estar (varanda em Deck)- 197,11 m²
- 16- Copa Café- 13,72 m²
- 17- WC Fem. Café- 6,74 m²
- 18- WC Masc. Café- 6,74 m²
- 19- Circulações(15%)- 225,11 m²

total área bruta = 2 133,48 m² (C.C.B.) + 573,12 m² (Fundação Acácio Gil Borsoi) = 2 706,60 m²

3.3 Concepção do projeto

Na concepção do projeto Centro Cultural Borsoi foi inicialmente feito um diagnóstico de análise de contexto da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955) indicando as alterações feitas ao projeto original (Fig.49- ver Desenhos Técnicos Análise de Contexto) do arquiteto responsável por esta edificação Acácio Gil Borsoi, através do levantamento fotográfico recolhido no próprio local de estudo. A comparação foi feita a partir das imagens existentes de anos anteriores em publicações e acervos pessoais de outros autores. Para que não continue a se perder a essência das características modernistas da residência, fica a ideia de recuperar o imóvel segundo o desenho de origem, na tentativa de conservação, que posteriormente deverá sofrer um projeto de restauração aprofundado e detalhado.

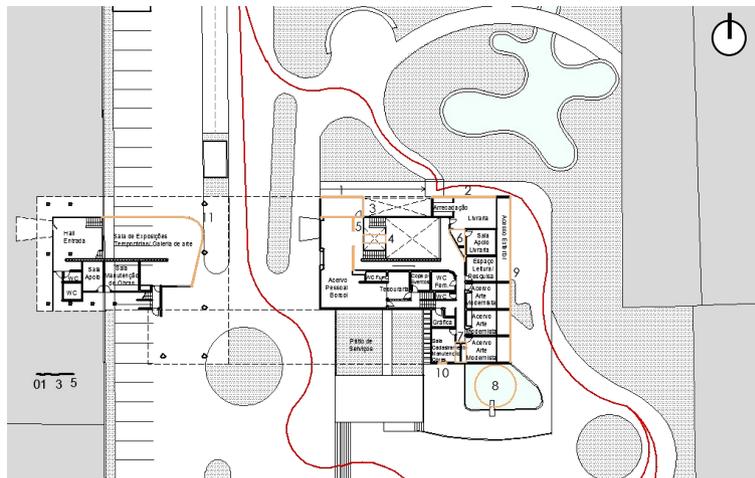


Fig.49: Planta Análise de Contexto com o piso 0 e piso 1 apontando as alterações do projeto original. A linha vermelha, o fluxo pedestre remetendo o percurso sinuoso

Fonte: Arquivo Pessoal.

A incorporação do Centro Cultural Borsoi como extensão das atividades recreativas para o local foi a estratégia adotada. A edificação existente, com aproximadamente 573 m² é prolongada com a nova construção, em torno de 2 134 m², assim distinguem-se três volumes: o primeiro, a Fundação Acácio Gil Borsoi com o acervo do arquiteto, arte modernista e livraria; o segundo, destinado a área de administração e serviço dos funcionários e por último o bloco do auditório C.C.B.

Existe uma hierarquia na volumetria, sendo o bloco dos serviços o mais baixo, a fundação enquadrada pelos dois volumes e a cobertura, como uma moldura e o bloco do auditório suspenso e saliente para a Avenida Júlia Freire buscando uma harmonia com a caixa de água, elemento de destaque (Fig. 51 e 53).



Fig.50,51,52 e 53: Vista da ligação entre os blocos para a casa; esboço; eixo visual que atravessa o bloco auditório e imagem 3D do alçado sul, vista da Av. Júlia Freire.
Fonte: Arquivo Pessoal.

A relação do espaço exterior com o espaço interior é feita com o mesmo conceito de transparência, princípio usado também no modernismo, através do uso do vidro e elementos vazados tais como cobogós (elemento vazado usado no Brasil), brises e aberturas, presentes no volume de serviços e auditório (Fig.54 - ver anexo 06), não só para dar essa continuidade do espaço como também pela questão da ventilação natural obedecendo aos critérios da arquitetura nordestina mencionados por Holanda (1976). São privilegiados eixos visuais interessantes, principalmente a visualização da residência e dos jardins (Fig.50 e 52).



Fig. 54: Imagens 3D alçado oeste e leste e pátio coberto avistando os cobogós no bloco de serviços.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Existem dois planos: o jardim que pretende ter continuidade e tenta definir os fluxos gerados, apresentando o novo traçado, o mesmo conceito organicista do uso da curva espontânea e fluída presente nos projetos do arquiteto Roberto Burle Marx (Fig.57) e o plano que sobrepõe o anterior com um traçado rígido, retilíneo e ortogonal criando o espaço construído (Fig.55 e 56).

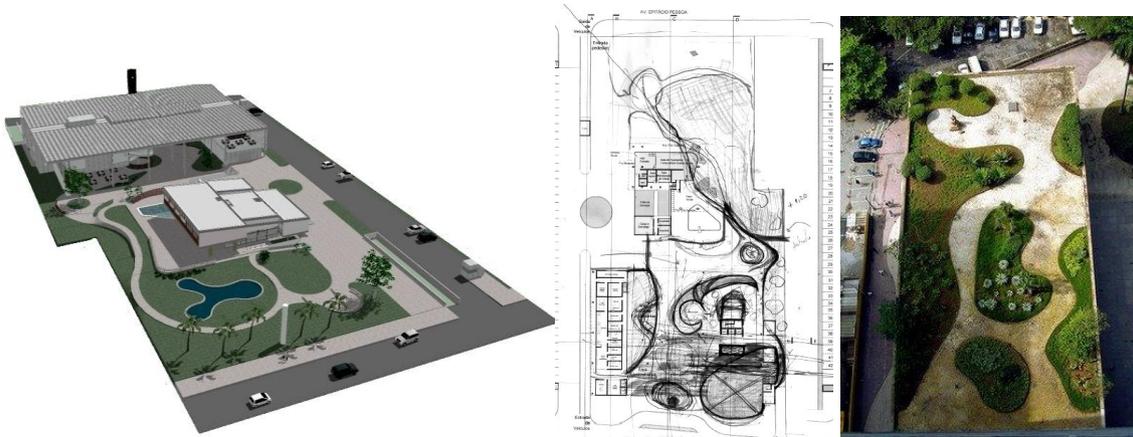


Fig.55,56 e 57: Perspetiva do 3D e esboço do jardim projeto C.C.B. O terraço-jardim do Edifício Gustavo Capanema no Rio de Janeiro projeto de Burle Marx, fonte inspiradora para compreender o seu traçado. Fonte: Arquivo Pessoal. <<http://www.encontreaqui.org/robertoburle marx/>> acesso a 02/06/2013 (última fig.)

As observações feitas já tinham sido referidas anteriormente ao falar das marcas projetuais de Borsoi no capítulo I, tanto da forma que envolve clareza quanto da relação do exterior que compreende o desenho.

Os acessos ao terreno e a entrada no novo edifício podem ser feitos de duas formas. O principal acesso, da avenida Júlia Freire menos movimentada, onde se encontra um grande pátio coberto, influência da arquitetura nordestina com a função de sombreamento e proteção das chuvas, que abrange o espaço para exposições, o jardim com coffee break, o balcão de informações agregado com a rampa de entrada principal acessível às pessoas com mobilidade reduzida, para o hall de acesso do auditório C.C.B. e o elemento estético de referência do local, a caixa de água solta (Fig.58, 59 e 62). O segundo acesso surge na avenida principal, a Epi-tácio Pessoa, com chegada ao jardim que tanto possui entrada para a Fundação Acácio Gil Borsoi como ligação exterior ao pátio já mencionado ou ainda uma rampa de entrada

secundária direta ao auditório e acesso aos camarins que funcionará também como saída de emergência (Fig.60 e 61).

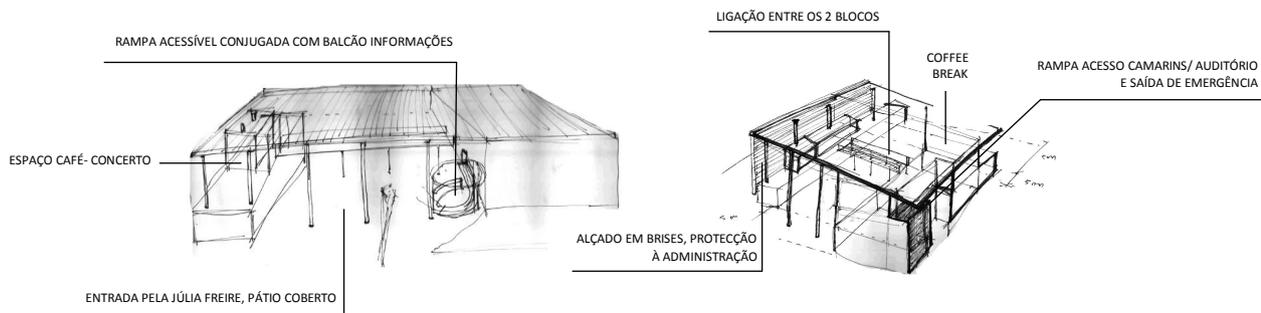


Fig.58 e 59: Esboços Centro Cultural Borsoi.
Fonte: Arquivo Pessoal.

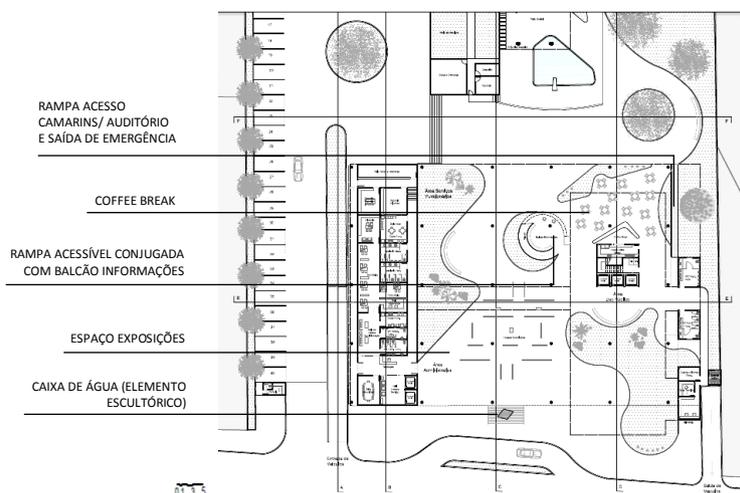


Fig.60: Planta Piso 0 Centro Cultural Borsoi (Ver em Desenhos Técnicos planta piso 0).
Fonte: Arquivo Pessoal.



Fig.61 e 62: Imagens 3D do C.C.B: rampa acesso camarins, coffee break, espaço exposições e balcão informações conjugado com rampa acessível.
Fonte: Arquivo Pessoal.

O Centro Cultural Borsoi fica definido pela sua conceção ao enquadrar os dois blocos de betão à vista debaixo de uma grande cobertura formando uma espécie de pátio que tanto se torna espaço público como também se sente privado. No que tange à materialidade, o uso do vidro e da madeira em locais de convívio e o revestimento da caixa de água em aço corten dando um aspeto antigo, indo de encontro à intenção do arquiteto Borsoi em deixá-la em tom alaranjado para se fazer sobressair²². Os detalhes construtivos relevantes como o uso de telha termo acústica apoiada em perfis "I" (45cm) sob um conjunto de pilares (45cm de diâmetro) que tanto rasgam o edifício e fazem parte da sua composição interna como aparecem evidenciados a formar grandes vãos, soltos dos volumes. A estrutura do auditório é vencida pela laje nervurada com o mesmo tipo de perfil "I" deixando o volume pendente (Fig.63).

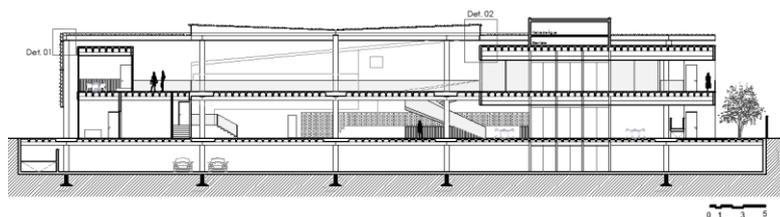


Fig.63: Corte E-E mostrando a laje nervurada, cobertura e estrutura.
Fonte: Arquivo Pessoal.

²² Mencionado na entrevista de Vera Pires e Roberto Ghione (colaboradores de Borsoi) bem como escrito na carta testamento do arquiteto Acácio Gil Borsoi (Ver em anexo 01 e 02).

Considerações Finais

No primeiro momento do decorrer deste trabalho, a importância maior foi definir o tema partindo do contexto em que a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955) se encontrava. A construção tinha sido tombada, havia uma proposta de intervenção no terreno que não contemplava uma grande vivência, como o arquiteto responsável pelo projeto original, Acácio Gil Borsoi, mencionava, teria de ter pessoas, movimento para que a casa fosse vista, obra preservada, com valor inquestionável para o patrimônio da arquitetura moderna brasileira.

Tenta-se dar ênfase ao arquiteto Acácio Gil Borsoi e ao modernismo em João Pessoa, deixando marcas contribuintes para o progresso da sociedade da época, como são as residências projetadas ao longo da Avenida Epitácio Pessoa, como o terreno em questão. Fica compreendido o seu percurso pelas influências presentes na arquitetura, provenientes das suas experiências no Rio e Recife.

A construção da problemática, ponto estratégico do trabalho, baseou-se no projeto Empresarial Acácio Gil Borsoi, proposta existente, embora fosse ideia do arquiteto, deixada antes de falecer em esboços, pensava na sustentabilidade econômica futura do imóvel. Sabe-se que a especulação imobiliária é grande, o fator cultural não é tema privilegiado nestes casos, ainda mais, tratando-se de uma localização na avenida principal da cidade. Em Recife, é frequente olhar as intervenções no patrimônio dessa forma, no terreno deixa-se construir um prédio e a casa torna-se anexo desse empreendimento sendo assegurado pelo condomínio.

A proposta do Centro Cultural faz contraponto à proposta atual na tentativa de criar um espaço cultural que determine enquadrar a utilidade da casa e dos jardins

de Burle Marx, potencializados pela ideia de manter o acervo pessoal de Borsoi que merece uma fundação em sua homenagem. A sua manutenção acredita-se que seja assegurada pelas suas atividades, transformando-a em local turístico, bem como por incentivos privados de multinacionais, a Lei Rouanet, justificativa desta proposta.

No programa para o Centro Cultural, a definição das áreas criou condicionantes à implantação, pois o conceito do projeto seria deixar livre o ângulo de visão da avenida Júlia Freire e a altura da nova construção não exceder demasiado em relação à casa, um problema de escalas. As premissas estabelecidas delimitaram o que se pretendia para relacionar de forma equilibrada a casa e a nova construção. Embora com usos anteriormente distintos, a casa com carácter unifamiliar transformou-se em edifício público como também o novo anexo, o que na realidade buscar uma conformidade entre as duas construções é complexo porque os propósitos para quais foram projetadas são diferentes, concluindo que mesmo havendo a intenção de aproximar estas construções de tempos divergentes a nova construção será mais saliente por se tratar de um edifício público.

Em suma, a solução arquitetónica encontrada faz uma leitura contemporânea intervindo numa área de património da cidade, algo complexo, refletindo alguns conceitos utilizados no modernismo, o uso do vidro transparecendo o interior para o exterior rasgando grandes vãos, e respeitando os princípios da arquitetura nordestina, tais como a utilização de aberturas no bloco do auditório e elementos vazados no bloco dos serviços funcionários, a madeira em locais de convívio (bancos no jardim, espaço exterior café-concerto, balcão informações e coffee break), o sombreamento da entrada principal por uma cobertura metálica e do alçado oeste através dos brises que devido às condições climáticas interfere no ato de projetar.

Referências

AMARAL, Izabel Fraga. **Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2004. Disponível em <www.ppgau.ufrn.br/dissertacoes/izabelas.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2012.

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). **NBR 9050 – Acessibilidade a Edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 2. ed. João Pessoa: ABNT, 2004.

BORRALHO, Caroline. “Instituto Inhotim”. Sefic/MinC: 16 de novembro de 2012. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/site/2012/11/16/instituto-inhotim-2/>. Acesso em: 17 mar. 2013.

BORSOI, Acácio Gil. **Carta Testamento, Casa Cassiano Ribeiro Coutinho Conceitos para uma intervenção arquitetônica**. São Paulo. 30 de outubro 2009.

BORSOI, Acácio Gil. **Conceitos para uma intervenção arquitetônica**. 2009.

BORSOI, Acácio Gil. Tombada por unanimidade (entrevista). **Revista Edificar**. Outubro/Novembro 2009.

CARVALHO, Juliano; CABRAL, André. **Processo de Tombamento da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho**. João Pessoa, 2006.

CORBOLI, Nanci. **Nova construção preserva o patrimônio existente**. Revista PROJETO DESIGN: Edição 384, Fevereiro 2012. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/carlos-bratke-atelie-arquitetura-espaco-cultural-sao-paulo-18-04-2012.html>. Acesso em: 23 mar. 2013.

CORDEIRO, Aristóteles; TINEM, Nelci. **Registro de uma obra moderna através de modelo geométrico Tridimensional digital. Residência Cassiano Ribeiro Coutinho.** João Pessoa, 2012.

CORDEIRO, Aristóteles L. M.; **Modelo 3D da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho.** Armazém 3D, implantado em 2012. Disponível em: <<http://sketchup.google.com/3dwarehouse/details?mid=95b16fd15ef794734b60469f4818b767&prevstart=0>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

FREIRE, Adriana. **Interseção : As soluções da arquitetura tropical em Recife.** Revista aU Arquitetura e Urbanismo: Edição 195, Junho 2010. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/195/artigo175864-3.asp>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

GARCEZ, Naná. **Um Casamento de futuro.** Revista Edificar. Outubro/Novembro 2009.

HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no nordeste:** Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. Programa Nacional de Capacitação de Recursos Humanos para o Desenvolvimento Urbano. Publicação nº7 do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1976.

KUNSTLER Howard; SALINGAROS Nikos A. **The End Of Tall Buildings.** Revista Archicool, an electronic architecture. Setembro 2001. Disponível em: <http://www.planetizen.com/node/27>. Acesso em: 13 abr. 2013.

Ministério da Cultura Brasileira (MinC). 1991. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/Regulamentacao-e-incentivo/lei-rouanet>. Acesso em: 7 mar. 2013.

MONTANER, Josep Maria. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2008.

NASLAVSKY, Guilah. **Escola Pernambucana ou Tradição Inventada? A construção da história da Arquitetura Moderna em Pernambuco, 1945-1970**. Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em:

<www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Ghilah%20Naslavsky.pdf> Acesso

em: 08 jan.13.

PEREIRA, Fúlvio. **Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

PIRES, Vera; GHIONE, Roberto. **Projeto de Restauração e Valorização da Casa Cassiano Ribeiro Coutinho e novo Edifício Empresarial Acácio Gil Borsoi, Memorial descritivo**. Recife.

ROCHA, Mércia Parente. **Patrimônio Arquitetônico Moderno: do Debate às intervenções**. Dissertação de mestrado de PPGAU/UFPB, 2001.

SCOCUGLIA, Jovanka; MONTEIRO, Lia; MELO, Marieta. **Arquitetura Moderna no Nordeste 1960-70: a produção de Borsoi em João Pessoa Influências pernambucanas e**

necessidade de preservação. Setembro 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/432>> Acesso em: 15 jan.12.

SEGAWA, Hugo. **Arquitetura no Brasil: anos 80**. São Paulo: Projeto, 1988.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TINEM, Nelci, TAVARES, Marieta & TAVARES, Lia. "Arquitetura Moderna em João Pessoa. A memória moderna e local de um movimento Internacional". In **VI Docomomo Brasil**. Niteroi, 2005.

<<http://grupo1info.blogspot.com.br/2011/09/historica-casa-de-oscar-americano-sera.html>> Acesso em: 23 mar. 2013.

http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=5876&%20cd_item=1&cd_idioma=28555. Acesso em: 09 jan. 2013.

<http://www.panisol.com.br/telha-termica-isocobertura/>. Acesso em: 28 jun. 2013.

<http://www.sulmetais.com.br/produtos/brises-e-termobrisas/termobrise-bsm-100-bsm-150-bsm-335>. Acesso em: 12 jun. 2013.

ANEXOS

Carta Testamento

Casa Cassiano Ribeiro Coutinho **Conceitos para uma intervenção arquitetônica.** **Acácio Gil Borsoi**

O projeto para a valorização e efetiva incorporação da Casa Cassiano Ribeiro Coutinho ao acervo cultural de João Pessoa deve contemplar uma série de considerações que compreendem aspectos culturais, arquitetônicos, urbanísticos, comerciais e imobiliários.

Os **aspectos culturais** referem ao valor da casa como testemunha da modernidade do Século XX em João Pessoa, tanto na sua concepção e materialização arquitetônica quanto pelos seus valores e aspirações sociais que ela representava para a sociedade da época. Neste sentido, o recente tombamento e incorporação ao acervo cultural pessoense constitui a primeira ação de uma sequência orientada à valorização e reaproveitamento pela sociedade de um modo efetivo e sustentável. Para que isso aconteça é fundamental que a casa se integre à vida social e cultural da cidade de um modo intenso, com os usos que garantam sua manutenção e rentabilidade. Um projeto adequado, com novos usos complementares bem dimensionados e integrados, viabilizará um empreendimento que poderá se atração turística e referencia da arquitetura brasileira.

Os **aspectos arquitetônicos** estão referidos à intervenção na própria casa e jardim e à incorporação de nova arquitetura em diálogo e harmonia com a construção existente.

Em relação à intervenção na **própria casa**, o projeto deverá restituir integralmente seu estado original, que representa os conceitos e valores da arquitetura moderna: integração espacial entre interiores e exteriores, espacialidade inferior, percursos e sequências internas, estrutura independente dos fechamentos, esquadrias modernas adaptadas aos requerimentos climáticos do nordeste, entre outros. A nova atividade que deverá ser incorporada para torná-la rentável deverá respeitar esses princípios que constituem o valor patrimonial da obra. O projeto valorizará seu **valor icônico** na paisagem da cidade, tanto da **casa** quanto da **caixa de água**. Neste sentido, se pensa em referências consagradas da arquitetura internacional, como a reconhecida intervenção no Museu do Louvre de Paris, no qual a inserção da pirâmide de acesso permitiu organizar e racionalizar o

funcionamento ao mesmo tempo em que se constituiu num ícone de referência internacional. Em relação à caixa de água, o projeto propõe reforçar seu valor icônico como objeto referencial de uma praça de acesso ao conjunto desde a Avenida Júlia Freire. A nova arquitetura propõe como uma moldura que a integra e valoriza.

Em relação à **nova arquitetura**, ela deverá representar os valores da contemporaneidade, de igual modo que a casa os representou na época da sua construção. Esses valores, do nosso ponto de vista, estão referidos à racionalidade, sustentabilidade, integração social e conforto tecnológico e ambiental que facilita a era digital que estamos vivenciando. O espírito do nosso tempo tem que estar expressamente manifestado na nova arquitetura, contemplando e valorizando a casa existente.

Em relação aos **aspectos urbanísticos**, a intervenção constitui uma efetiva oportunidade de valorizar o entorno da Avenida Epitácio Pessoa e da Avenida Júlia Freire. Neste sentido, se pensa que o terreno da casa possui as condições adequadas para tornar-se um pólo de atividades sociais, culturais, recreativas, comerciais e de residência e trabalho. A mistura de usos que se propõe tem o objetivo de facilitar o acesso dos habitantes de João Pessoa a um espaço atrativo e qualificado, com atividades contínuas, que evitam os momentos com áreas vazias dos projetos com funções específicas.

Em relação aos **aspectos imobiliários**, o empreendimento deverá dar satisfação às demandas da sociedade com produtos aceitos pelo mercado local, ao mesmo tempo em que deverá oferecer soluções de novidade, que representará um atrativo a mais para o lugar e reforçará seu conceito inovador.

Em função das considerações anteriores, propõe-se uma o seguinte programa destinado a uma efetiva valorização da casa e seu entorno, com uma superfície útil de aproximadamente 15.000 m².

1- Comercial

Usos comerciais na própria casa e em construções novas, em torno do jardim que será reconstituído e aberto para a Avenida Epitácio Pessoa. Para isso se sugere uma atividade única, sem fragmentação do seu espaço interno (livraria-café, restaurante, galeria de arte, etc).

Os usos nas construções novas poderão estar relacionados com um segmento ligado ao valor cultural e estético da casa preservada (lojas design, de decoração, fashion mall).

2- Empresarial

Usos empresariais para salas de convenções e corporativas no projeto que se prevê na parte posterior do terreno, com acesso desde Avenida Júlia Freire através de uma praça que valoriza a caixa de água existente.

3- Estacionamento

Vagas de estacionamento com acesso desde Avenida Júlia Freire em quantidade adequada à envergadura do empreendimento (aprox. 700 vagas)

4- Recreativo

Usos recreativos integrados com os usos comerciais.

5- Residencial

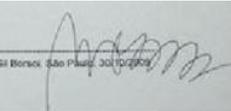
Uso residencial integrado com o empresarial, no conceito de “home office”.

Esta proposta é novidade no mercado imobiliário de João Pessoa e procura racionalizar produtividade e tempo. A integração de atividades empresariais complementares é uma opção que esta ideia oferece, ao mesmo tempo em que garante o uso constante dos serviços culturais, recreativos, comerciais localizados ao redor da casa existente.

Sempre considerei a **Arquitetura** como construção ligada aos seus valores transcendentais de ordem, harmonia, proporções e composição, elementos que conduzem à beleza e produzem emoção nas pessoas que a usam ou habitam.

Foi assim com a Casa Cassiano Ribeiro Coutinho e hoje me sinto muito gratificado com a honra que a sociedade de João Pessoa me brinda ao incorporá-la ao seu patrimônio cultural, conjuntamente com a obra do meu grande amigo Roberto Burle Marx.

Nas atuais circunstâncias e considerando as exigências de prazos e exíguos para a elaboração do projeto de valorização da casa e de incorporação de nova arquitetura, quero repassar essa responsabilidade mediante este documento, que deve ser considerado uma carta testamento, para minha grande amiga e colaboradora de toda a vida, arquiteta Vera Pires, e para meu grande amigo Roberto Ghione, quem tenho absoluta certeza que interpretarão fielmente minhas ideias, como sempre o fizeram em inúmeros projetos feitos em parceria.



Acácio Gil Borsoi - São Paulo, 30/10/2009

Acácio Gil Borsoi, São Paulo, 30/10/2009

Anexo 01: Transcrição da Carta Testamento, Casa Cassiano Ribeiro Coutinho Conceitos para uma intervenção arquitetônica feita por Acácio Gil Borsoi antes de falecer.
Fonte: Arquivo pessoal Amélia Panet.

Entrevista aos arquitetos Roberto Ghione e Vera Pires

- 1-** A construtora Alliance contratou-vos por proximidade ao arquiteto Borsoi ou foi feito concurso e apresentaram a proposta?

Vera: Borsoi já tinha deixado na carta testamento dizendo por escrito que queria que eu, colaboradora dele há algum tempo (40 anos) e Roberto, do qual tinha muita confiança, continuássemos com o projeto. O nosso escritório trabalhou em outros projetos para Alliance mas Borsoi foi quem iniciou o projeto.

- 2-** Os edifícios de escritórios foram programa escolhido pela Alliance e tiveram algum propósito nisso? Pois o arquiteto já tinha pensado na ideia, então acontece isso por justificativa?

Vera: Para Borsoi a casa tinha de ter comércio para dinamizar para ter gente, era isso que dava movimento. É a primeira casa e obra do arquiteto a ser tombada, então ele quer que haja pessoas a circular que seja um espaço visto por todos. Quinze dias antes de morrer ele deixou os esboços dos prédios, desenhando como queria que a casa ficasse envolvida.

Roberto: O programa de escritórios foi solicitado pela Alliance. Borsoi queria propor uso misto de escritórios, residências, lazer e serviços, atendendo a demanda das cidades atuais em relação a mobilidade e criação de um polo dinâmico ao redor da casa. Essa ideia não foi aceita pela Alliance porque o uso misto naquele momento não era muito valorizado e não queriam arriscar um investimento sem garantias de retorno financeiro.

- 3-** Na época (1955) seria um bom pretexto surgiu edifícios mais altos, porque João Pessoa começa sua expansão urbana e verticalização também, como sinónimo de progresso e modernidade. Borsoi quando pensou isso foi na mesma época de construção da casa ou é mais recente a ideia?

Vera e Roberto: Borsoi pensou a ideia no momento do tombamento da casa, durante uma visita realizada connosco que foi registrada na revista Edificar. Ele sabia que algo a nível cultural era interessante mas pensava na sustentabilidade financeira do empreendimento assim como a valorização que

a casa iria assumir como centro de uma proposta que concentrasse muitas pessoas e atividades em torno dela.

Ele pensava num espaço cheio de vida, conciliando o interesse financeiro da construtora com a valorização da própria casa. Borsoi até aconselhou comprarem o terreno vizinho para libertar a casa e ficar mais controlada a questão, mas ninguém quis.

- 4- Na vossa opinião como profissionais, a leitura dos prédios trazem vantagem à residência ou não? Vocês vêem algum problema de escala entre as torres propostas e a residência a ser preservada?

Roberto: Não gosto muito da solução das torres, é o que a lei permite, pode-se construir vários pisos, os investidores não querem perder dinheiro, temos de aproveitar ao máximo. Na minha opinião a casa precisa de visão, a prefeitura teria de desapropriar o terreno. É a lógica de objeto não é a de contexto. Os arquitetos trabalham e só falam em edifícios não em cidade. Eu estou habituado a ver a integração com a cidade e aqui no Brasil não.

Vera: É evidente que fazer arquitetura com a escala solicitada é um desafio enorme em relação a casa existente. Não vemos problemas de relação entre as duas arquiteturas, assim como Borsoi também estava de acordo. Inclusive ele propôs primeiro um grande edifício com uma grande janela emoldurando a caixa de água existente (ver croquis original). Até queria revestir a caixa de água com revestimento tipo vidrotil na cor laranja (nos croquis ele fazia questão de pintá-la nessa cor). Também queria arrodrear a casa com lojas, para dar a maior vitalidade ao lugar (naturalmente, respeitando o jardim de Burle Marx). Posteriormente, a Alliance solicitou fazer dois edifícios separados, por conveniências particulares do empreendimento. Então ele pensou fazer duas torres de alturas diferentes, bem altas, como dois faróis que seriam visualizados desde grande parte da cidade. Ele tinha a ideia de marcar o lugar da casa com uma proposta bem arrojada, com o mesmo arrojo que teve a casa no momento da sua construção. Assim como ela foi um marco para a sociedade da época, também queria que o novo empreendimento fosse outro marco de impacto na cidade. O trabalho plástico das torres, assim como o desenvolvimento do projeto a partir dessa ideia inicial, foi confiado a nos mediante uma carta testamento que assinou três dias antes de morrer.

A proposta é fazer um edifício sustentável, com sombras que diminuem a incidência solar (com a consequente diminuição de consumo de ar condicionado), ventilações cruzadas, etc. O arremate foi pensado como dois espaços para funções especiais (restaurante panorâmico, academia, etc.) que marca a ideia de farol. O mastro de arremate, como uma grande agulha, foi solicitação dele (no croqui se visualiza como uma bandeira).

A caixa de água existente fica na articulação entre os dois edifícios, como centro de uma praça de acesso. O embasamento foi pensado com uma colunata de altura tripla, baseada no excelente exemplo espacial do Ministério de Saúde e Educação de Rio, obra referencial de 1936, marco do início da arquitetura moderna brasileira e internacional.

Posteriormente foi solicitado outro projeto, desta vez só um edifício com uso misto no embasamento (comércio e serviços). A ideia do arremate e do embasamento de altura tripla continuam. A altura tripla valoriza a fachada posterior da casa, tão interessante quanto a frontal, pouco visualizada desde a rua posterior. A intenção foi valorizar a arquitetura moderna da casa com a referência de outro elemento da modernidade brasileira, como a colunata de altura tripla. Em baixo desta altura tripla foi concebida uma praça coberta, de uso público, emoldurada pela fachada posterior da casa.

- 5- Existe alguma garantia no contrato da construtora com o condomínio das torres para que a residência seja mantida em bom estado de conservação e uso após a construção dos prédios?

Vera: Não sei, foram feitas duas opções de projeto, agora não sei como isso está. Apenas esta opção seria mais viável, porque a construtora queria acordar com o proprietário de em troca lhe dar imóveis equivalentes aos gastos que terá com a preservação e restauração da casa.

Esse tema é complicado, porque a construtora assumiria apenas o edifício. A casa ficava por conta do proprietário, por decisão própria. Por tanto, nosso contrato é só com a arquitetura nova.

- 6- Houve problemas com o IPHAEP, prefeitura, órgãos administrativos para aprovação do projeto?

Vera e Roberto: Nunca questionaram o gabarito, qualquer coisa serve para a casa porque vai trazer pessoas. Na primeira opção as 2 torres com baixo comércio pelos lados do terreno foi recusada pelo IFHAEP porque avançava sobre a casa mas o objetivo era tapar os muros para não fazerem outro tratamento diferente nas laterais perturbando a leitura da casa, visto que o terreno vizinho está desocupado e poderia chegar qualquer coisa. Solicitaram retirar parte dessas lojas para liberar o jardim, recomendando que a área retirada de lojas fosse compensada com maior altura nos edifícios. Posteriormente solicitaram recuar mais as garagens em subsolo. O índice de aproveitamento e ocupação considerava a área total do terreno. Tivemos as exigências de rigor. Na prefeitura não tivemos nenhum tipo de problema de aprovação da primeira ideia. A segunda não chegou a ser apresentada: a baixa construção pelas laterais do jardim desaparece e o prédio é menor porque consideramos metade do terreno. Um problema que consideramos sério em relação ao patrimônio é que se visualiza o objeto isolado, independente do contexto, mas isso mereceria outra discussão.

- 7-** Como arquitetos, acham que o projeto se enquadra com a casa ou mudariam o tipo de programa, caso de um equipamento cultural, espaço recreativo, biblioteca, etc?

Vera: A casa e o jardim devem ser preservados integralmente em toda sua essência, como objeto e como espaço, com toda suas integrações entre interior e exterior. A função a ser determinada para a casa não deve agredir em absoluto estes princípios.

Roberto: Um museu de arte moderna e contemporânea na Paraíba, algo inovador. (questionei e um centro cultural?) Sim, boa ideia.

- 8-** A caixa de água fica na parte baldia do terreno, na vossa proposta, tem destaque especial, tiram partido dela?

Vera: A caixa tem sim importância, Borsoi já quando desenhava, nós perguntávamos e a caixa de água que revestimento que cor vai ter? Ele pintou de laranja, tinha que se destacar.

Roberto: Na entrada ela aparece no centro como uma escultura, algo que marcava o edifício e a entrada de acesso principal.

9- Uma palavra que defina o vosso projeto e o defenda?

Roberto e Vera: A criação de um lugar urbano, cheio de vida, que estimule o uso e a valorização da casa e do jardim.

10- Já foram feitas muitas críticas tanto a nível arquitetónico como pela escala da intervenção (2 prédios de escritórios)? Quais e por quem?

Roberto e Vera: Não, nenhuma. Pelo contrário, o IPAHEP propôs aumentar a altura das torres para compensar a retirada de parte das lojas.

11- Acham que em João Pessoa, a proteção do património está a ser bem-feita e de forma correta? Que caminho deve seguir a cidade, em relação a situações deste género?

Roberto e Vera: Não conhecemos os critérios que o IPAHEP assume em relação ao património em João Pessoa.

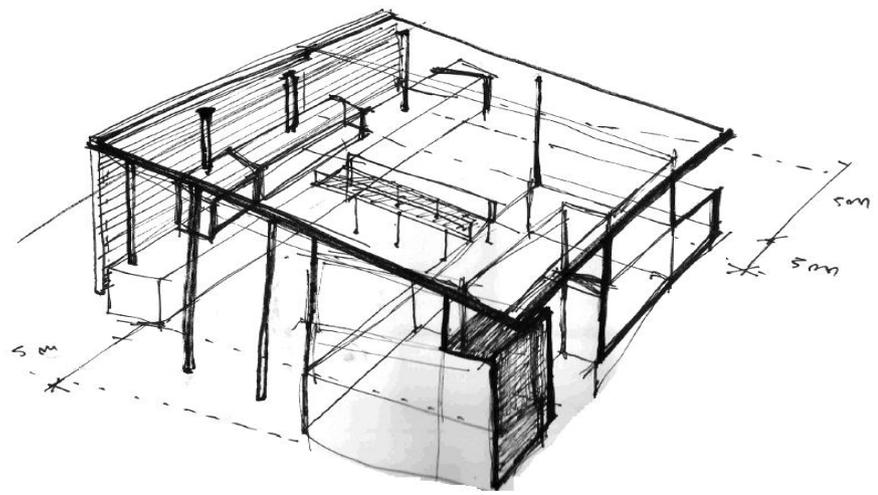
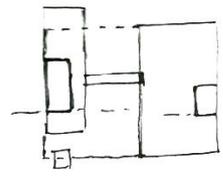
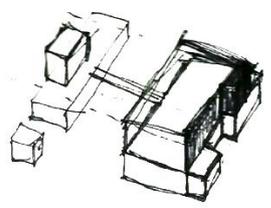
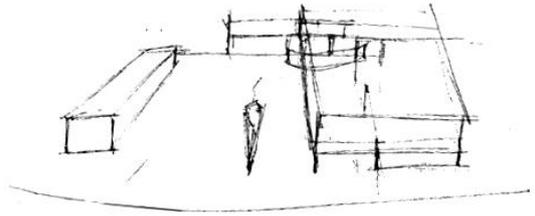
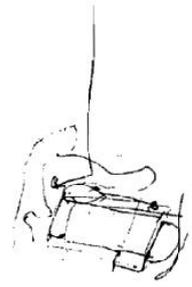
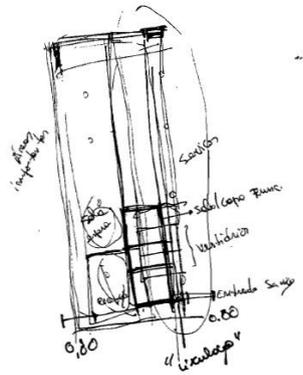
UFPB, João Pessoa, 21-02-2013

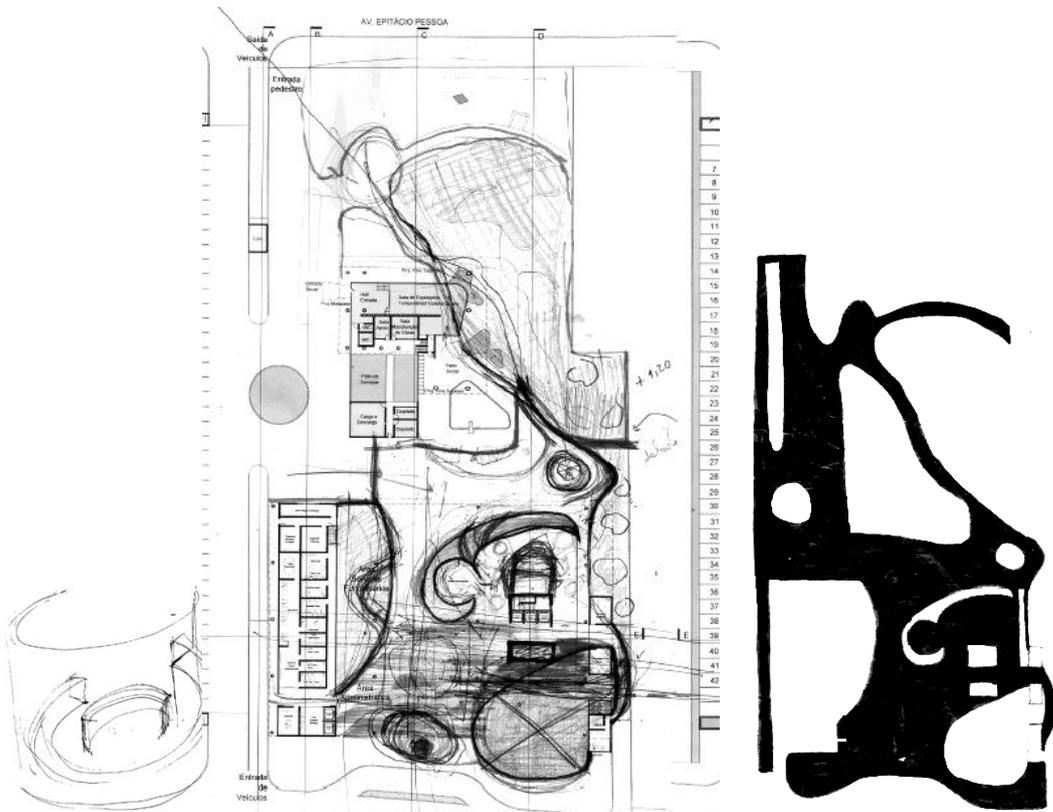
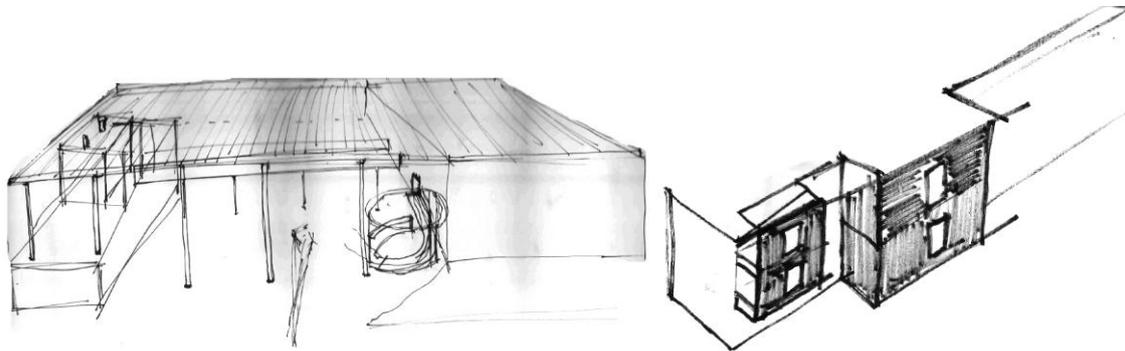
Anexo 02: Entrevista aos arquitetos Vera Pires e Roberto Ghione de Recife responsáveis pelo projeto das duas torres, o Empresarial Acácio Gil Borsoi.

Programa Proposto	Área (m²)	Programa Existente
Fundação Acácio Gil Borsoi		Residência Cassiano Ribeiro Coutinho
Piso 0		
Hall entrada	44,21	Hall entrada
WC Masculino	4,48	WC
WC Feminino	6,72	WC Empregada
Sala Apoio Exposições	12,71	Quarto Empregada
Sala Cadastramento/ Manutenção de obras	20,08	Quarto Empregada
Sala Exposições Temporárias/ Galeria de Arte	105,85	Sala
Carga e descarga	39,75	Garagem
Depósito de volumes (2 quartos)	10,1 + 13,52= 13,62	Depósito e Quarto Motorista
Piso intermédio		
Acervo Pessoal Borsoi	81,95	Sala
Sala de Apoio	16,98	Varanda Fechada/ Espaço de Estar
Copa/ preparação eventos	8,63	Área de Serviço
Tesouraria	12,66	Cozinha
WC Funcionários	5,01	Despensa
Piso Superior		
Arrecadação	8,66	Vestiário
Livraria	31,33	Quarto
Sala de Apoio de Livraria	16,02	WC
Espaço de Leitura/ Pesquisa	15,22	Escritório
Acesso Exterior	22,49	Varanda
Acervo de Arte Modernista (3 quartos)	22,39 + 22,10 + 23,82= 68,31	Quartos
Sala Cadastramento/ Manutenção de obras	17,99	Quarto
Centro de Fotocópias (Gráfica)	7,38	Espaço Fechado
WC Masculino	3,48	WC
WC Feminino	9,59	WC
Área Total (Bruta)	573,12	

Anexo 04: Tabela de relação do programa existente da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955) e o novo programa proposto para a Fundação Acácio Gil Borsoi.

coluna + ou - 5 pinos?
em relevo no edifício do teatro
altura ≈ 1,50





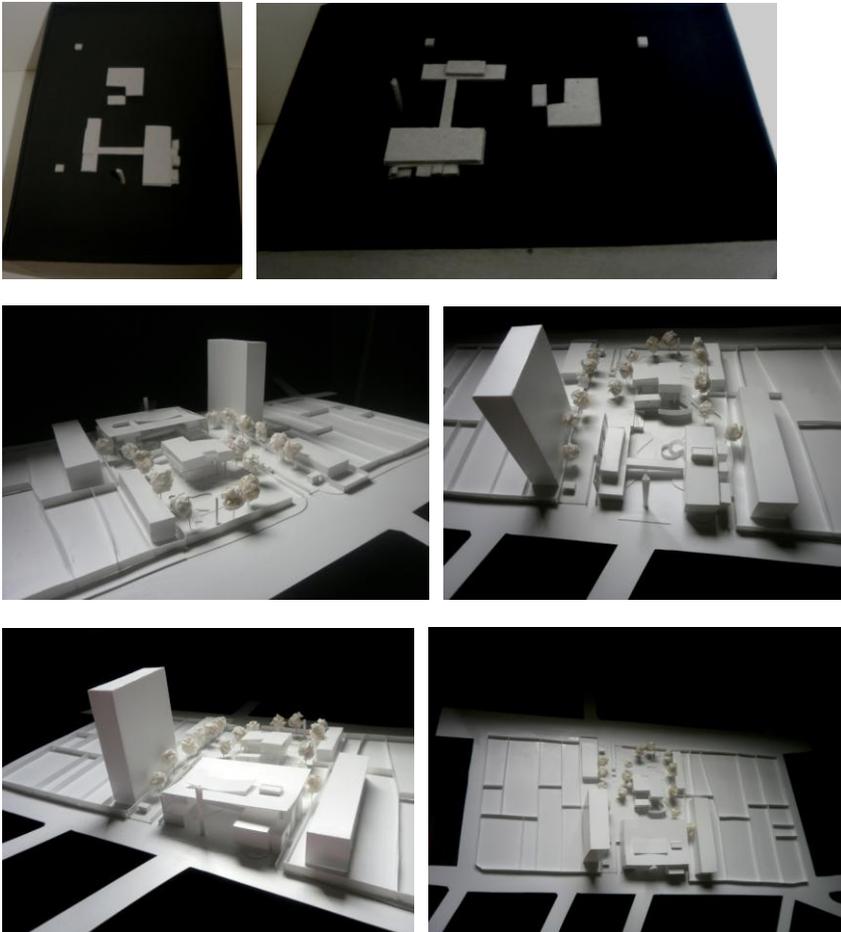
Anexo 05: Alguns esboços do projeto do Centro Cultural Borsoi.



Anexo 06: Imagens do 3D do Centro Cultural Borsoi: Vista da Av. Júlia Freire (Alçado Sul), vista da Av. Epiácio Pessoa (Alçado Norte), vista da varanda do café concerto para a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho avistando-se a rampa circular de acesso ao hall do auditório (elemento escultórico) e vista do jardim para o pátio coberto conseguindo entender a parede de cobogós no volume de serviços.

DESENHOS TÉCNICOS

MAQUETES



Maquete 01 e 02: Maquete Conceptual esc.:1:1000 e Maquete Projeto C.C.B. 1:500.